



GOMES LEAL

*Claridades
do Sul*

SEGUNDA EDIÇÃO (revista e augmentada)



LISBOA
EMPRESA DA HISTÓRIA DE PORTUGAL
Editora
95, R. Augusta, 95





Gomes Leaf

GOMES LEAL

CLARIDADES DO SUL

SEGUNDA EDIÇÃO (revista e augmentada)

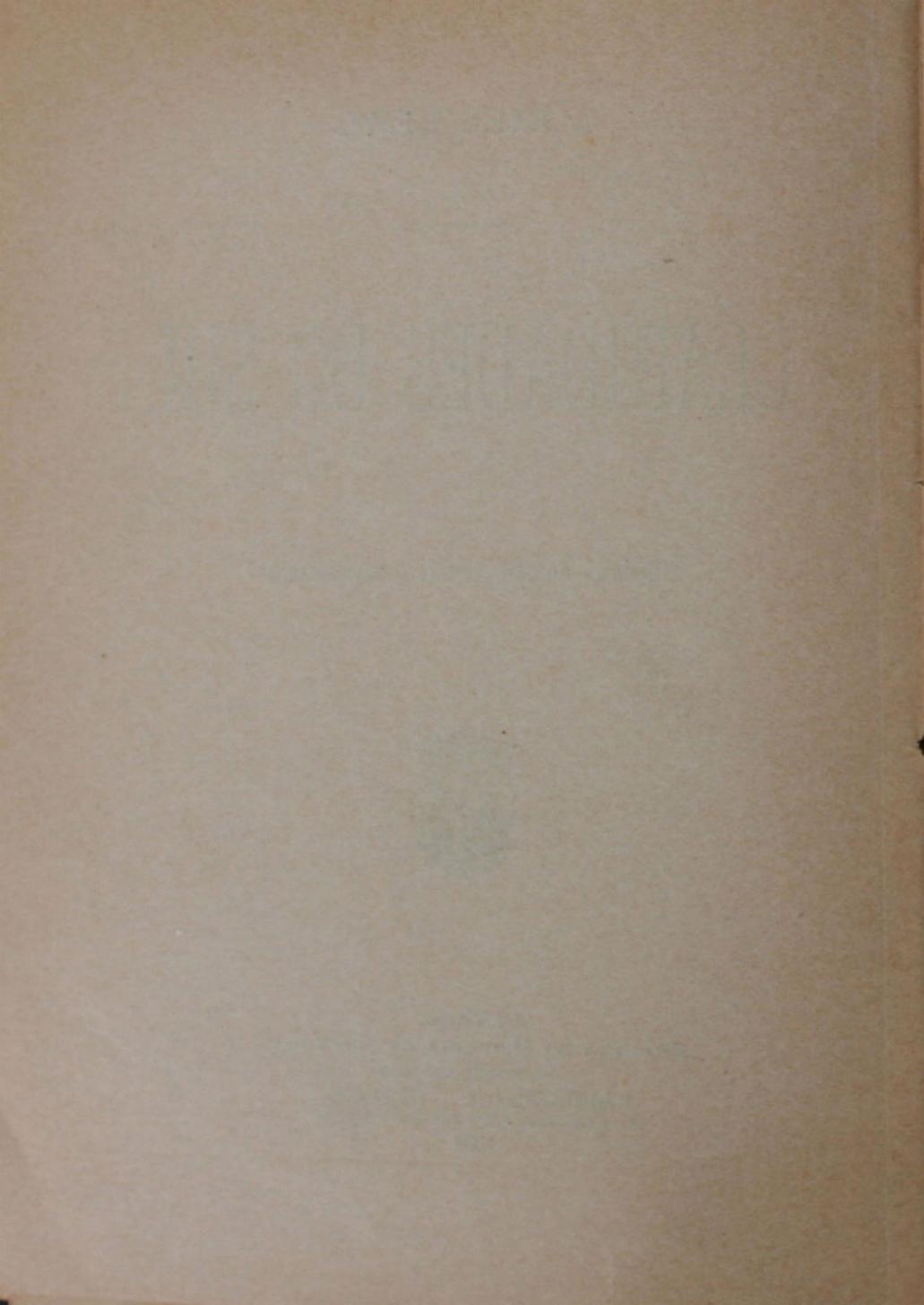


LISBOA

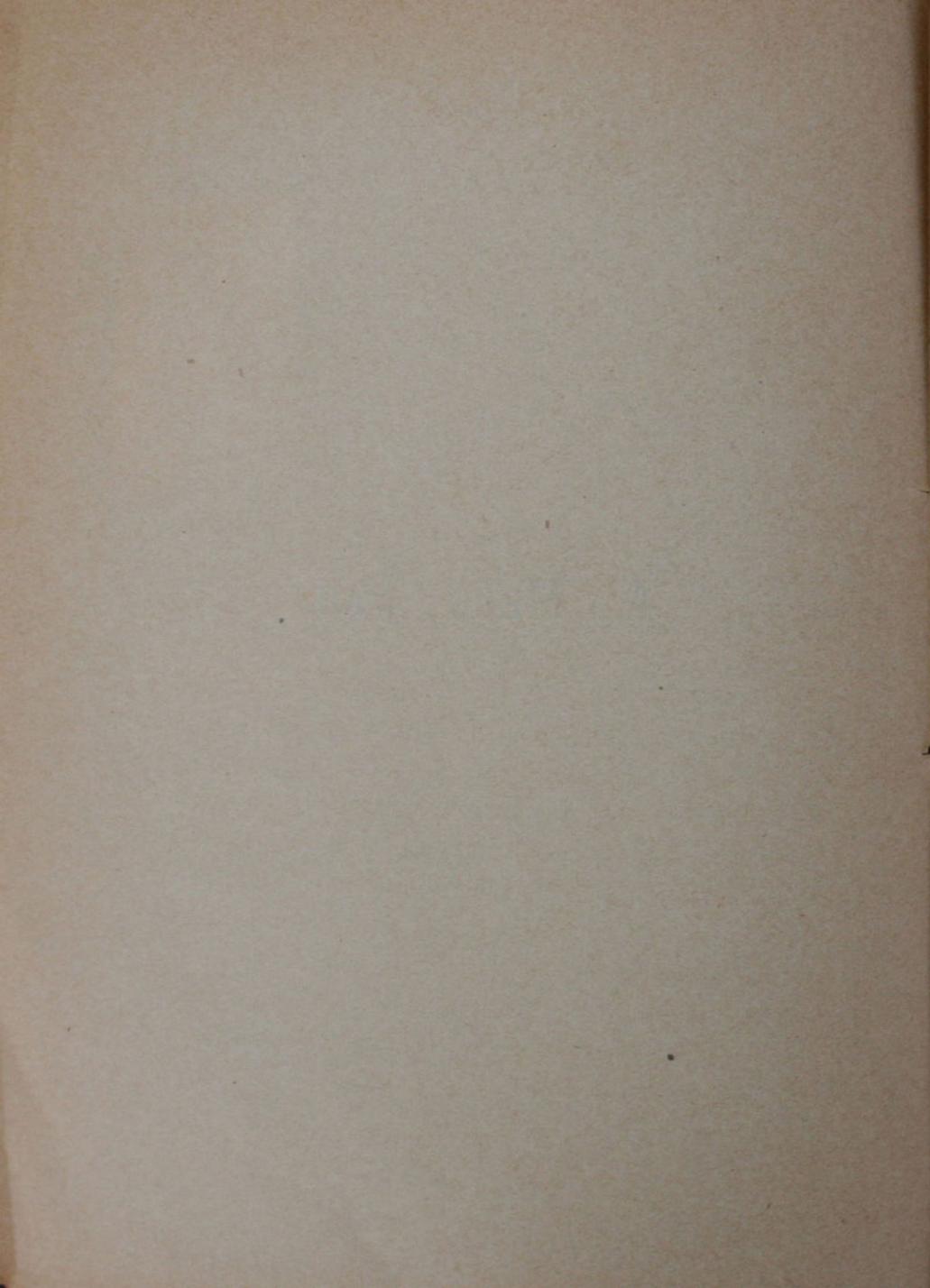
EMPRESA DA HISTÓRIA DE PORTUGAL
Sociedade Editora

LIVRARIA MODERNA | TYPOGRAPHIA
R. Augusta, 93 | 35, R. Ivens, 37

1901



A MEUS PAES.



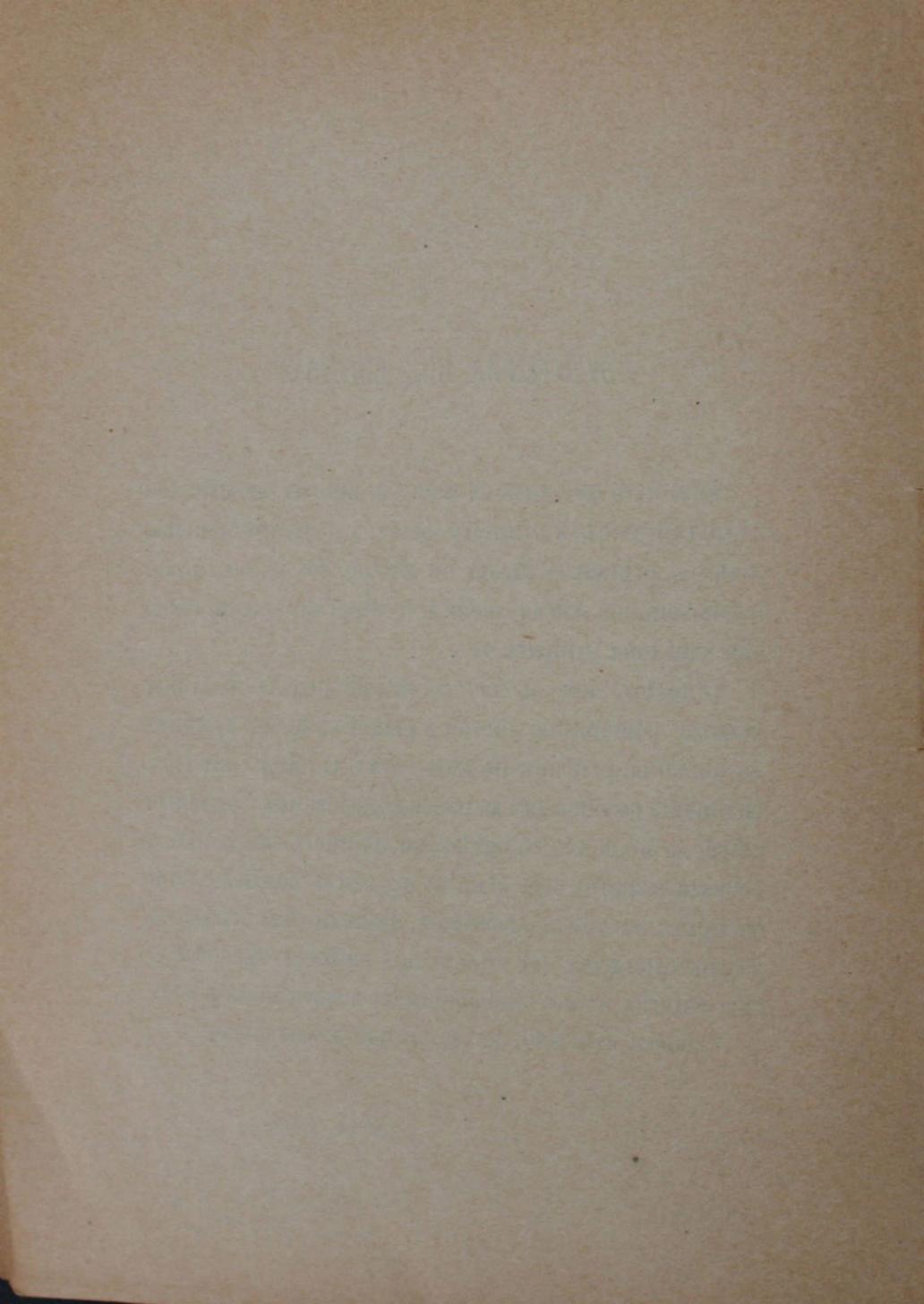
ADVERTENCIA DOS EDITORES

Este livro que goza de uma tão notoria celebridade, e que representa a primeira fórma, a primeira maneira, e até os primeiros ideaes do auctor, foi plano nosso, n'esta segunda edição, reeditado integralmente tal como elle saiu pela primeira vez.

O auctor, salvo as correccões indispensaveis na boa plástica, nem mesmo alterou a primitiva forma gráphica da inicial no principio de cada verso. O leitor, por isto, facilmente reconhecerá as poesias posteriores á primeira edição, e ainda não colligidas em volume. Como a critica rebusca sempre, com afan, as primeiras edições de um escriptor, para bem o conhecer, desde os seus primeiros passos litterarios, foi intento dos editores obedecer a este criterio, o qual tambem obteve a sancção do poeta.

Crêmos, com isto, ter procedido avisadamente.

OS EDITORES



PRIMEIRA PARTE

INSPIRAÇÕES DO SOL

HYMNO AO SOL

Vous, prêtres ! qui murmurez, vous portez ses signes sur tout votre corps : «votre tonsure» est le disque du «soleil», votre «étoile» est son zodiaque, vos «chapellets» sont l'emblème des astres et des planètes.

VOLNEY (*Les Ruines*).

Eu te saúdo ó Sol, bello astro amigo !
(Tão pontual ha tantos centos d'annos)
Mais reluzente que um broquel antigo,
Mais dourado que sceptros de tyranos :
Avé, heroica luz ! viva e sonora,
Vestindo o mundo, emquanto aos ceus erguidos, /
As florestas extensas dão gemidos,
E o duro mar se chora !

Eu te saúdo, ó astro das batalhas !...
Por que atravez das cruas dissenções,
Douras o pó que se ergue das mortalhas,
E levantas os nossos corações !...
E por isso, ainda hoje, e eternamente,
Os românticos te hão de a ti saudar,
— E os tristes sempre irão á luz poente,
Ver-te morrer no mar.

Tu és a Voz, a Cór, as *Harmonias*
 Accordam com as tuas claridades;
 És quem benze as aldeias e as cidades,
 E quem fazes cantar as cotovias;
 És quem inspira extranhas theorias,
 És forte, são, consolador, e bom.
 Tem a lua silencios e elegias:

— Mas tu a *Cór* e o *Som*.

Eu te saúdo, ó astro dos guerreiros!...
 Eterno confessôr de madrigaes,
 Que tesgellas os densos nevoeiros,
 Que alegras as sonoras capitaes;
 Que dás valor nos campos marciaes,
 E força e amôr aos aldeões trigueiros,
 E que incitas os tigres carniceiros
 A beber nos caudaes!

Desde a Chaldea ás êrmas solidões,
 Tens tido cultos, templos levantados,
 E velhos ritos barbaros sagrados,
 E alegres, sensuaes religiões:
 Tu foste *Mithras*, nome cabalístico,
Baal, *Agni*, *Apollô* (invocações)
 — E hoje *Christo* — teu nome occulto e mystico —
 Fere inda os corações.

Quem contará, ó luz, tuas bondades?...
E o amôr no qual o coração abrasas,
E as tuas funeraes solemnidades
Á ideal palpitação das azas?...
Quem nos livra das flexas do peccado?
Quem faz na intima terra o diamante?
Quem gera o monstro, a pomba, o lyrio amado,
E a idéa extravagante?

Avé! pois, astro caro dos valentes...
Da Força, Vida, Gloria, da Paixão,
A frêxa d'ouro em corações ardentes,
Astro amigo das lutas e da Acção!
Avé! e em dias crús d'expição,
Vae e beija — nas hervas reluzentes —
Os que morrem, vencidos combatentes,
— A espada inda na mão!

À JANELLA DO OCCIDENTE

O mundo oscilla
LUTHERO

Os deuses ou são mortos ou caídos,
Quaes duros aldeões dormindo as sêstas,
Ou andam, pelos astros perseguidos,
Chorando os velhos tempos das florestas.

Os reis ressonam nas devassas festas:
Já os fructos do Mal estão crescidos:
— Ó Sol, ha muito que tu já nos crestas!
— E aos nossos ais o Ceu não tem ouvidos!

Ha muito já que o Olympo está vazio,
E no seio d'um astro immenso e frio
É morto o Deus do Testamento Velho.

Apenas, sobre o mundo eterno e afflicto,
Fausto rebusca o *x* do infinito,
E Satan dorme em cima do Evangelho.

OS SANTOS

Les saints arrachaient leurs auréoles.

DUBOIS

Viam-nos caminhar, exilados da luz,
As grandes povoações, as rochas, as paisagens,
E os corvos, os fieis amantes das carnagens,
Estes magros heroes, paladins de Jesus.

Andavam rotos, vis, os pés chagados, nós,
Finavam-se a rezar ante as santas imagens,
E ouviam-nos bradar no meio das folhagens:
— Ó arvores em flôr! vós sois esquite e cruz!

Onde estaes hoje vós? . . . Nas grutas dos planetas,
Inda hoje rezaes, ó pallidos ascetas,
Luzes vivas da Lei! martyres solitarios?

Na terra não: que ha muito a materia nos nutre,
E nem no Ceu talvez: — no entanto o negro abutre
Tem saudades de vós, nas cristas dos calvarios!

D. QUICHOTE

A LUCIANO CORDEIRO

O que é isto?

Nos tempos medievaes dos campeões andantes,
E das balladas—como a do bom rei de Thule—
Andava D. Quichote em busca de gigantes,
Magro, tristonho, ideal, crente Fausto do Sul.

Batalhador juiz da Virtude e do Crime,
Defendendo o opprimido, a mulher, o ancião,
Corria o mundo assim—ridiculo e sublime—
Em seu magro corcel, sob arnez de cartão.

Cheio de tradições, o velho mundo absorto,
Da banda do Meio Dia, ouvia o seu tropel,
E como insectos vis sobre um cavallo morto,
Riam as multidões do ultimo fiel.

Ia triste a scismar, com a alma abatida,
Nos caminhos do mal rasgando as illusões,
Magro Fausto do Sul, buscando a Margarida,
—Cheio de apupos vis, d'escarneos, de irrísões.

Vinha de batalhar espancado e abatido,
 Cheio de contusões e lodos d'atoleiros,
 E ao pé montando um burro e o escudo já partido,
 Sancho Pança, a Materia, e o rei dos escudeiros.

Vinha sereno e grave, escarnecido, exangue,
 Emmagrecido e calmo, em meio dos estorvos,
 — Vinham ladrar-lhe os cães: e presentindo sangue,
 Grasnavam-lhe em redor, bandos negros de corvos.

Sancho Pança fiel, vasculhava a escarcella,
 E auscultava a borracha emmudecida emfim,
 Enquanto o Heroe scismava, inclinado na sella,
 Na conquista ideal do escudo de Membrin.

— Paravam aldeões, lavrador/s crestados.
 — Vinham á porta as mães, fiando o linho fino.
 E os magros charlatães viam passar, pasmados,
 Na sombra d'um cavallo o extremo paladino.

Dançavam os truões: as sujas enxurradas
 Com a lodosa voz, resmungavam: Que é isto?
 Satan n'um corucheu, bradava ás gargalhadas:
 — Ó campeão do Bem! ó victima do Christo!

O PUBLICANO

Ils eraient sales et immonde, et avoient
des dévotions hypocrites.

DUBOIS

Um grão doutor da Lei dizia ao publicano,
Junto ao atrio do templo, em tempos da Judéa:

— Tambem tu vens orar, publicano sereia?

— A tua casa ardeu, ou deu na vinha o damno?

Jejuas tu agora e résas todo o anno,

Tu que levas o pobre e o orphão á cadeia,

Que tiras á viuvez o pão, o leite, a teia,

Tu que és avaro e vil, pagão como um Romano!

Que não resas como eu... que nunca vi desfeito

Dos compridos jejuns, nem macerar o peito,

E que hospédas Satan, como o antigo Saúl!

Não vês como estou sempre erguendo ao Ceu os braços

— O publicano então, disse, olhando os espaços:

«Tambem os poços são voltados para o Azul.»

A LYRA DE NERO

Nos seus jardins pagãos, entre archotes humanos,
Na lyra de marfim sobre as cordas douradas,
Nero vinha cantar ás noutes estrelladas,
Elegias d'amor e canticos thebanos.

Essa lyra do Mal que ouviram os Romanos,
Que cantou entre o incendio, as casas abrazadas,
Os lutos, os truões, as ceias depravadas,
Que mysterios não viu, medonhos e profanos!

E, no emtanto, apesar da sua historia triste,
Se os tempos tem corrido, a Lyra ainda existe
Do devasso real, do lyrico histrião...

Seu canto inda nos prende, e ouvimos-o sem susto.
E, ó terror! ó terror! eu que amo o Forte e o Justo,
— Ouço-o ás vezes tambem, dentro do coração!

MYSTICISMO HUMANO

Sunt lacrimae rerum...

VIRGILIO

A alma é como a noute escura, immensa e azul.
Tem o vago, o sinistro, os canticos do sul,
Como os cantos d'amor serenos das ceifeiras
Que cantam ao luar, á noute, pelas eiras...
Às vezes vem a névoa á alma satisfeita,
E cae sombria, vaga, e meúda, e desfeita...
E como a folha morta, em lagos somnolentos,
As nossas illusões vão-se nos desalentos!

Tem um poder immenso as Cousas na tristeza.
Homem! conheces tu o que é a natureza?...
— E' tudo o que nos cerca — é o azul, o escuro
É o cypreste esguio, a planta, o cedro duro,
A folha, o tronco, a flôr, os ramos friorentos,
É a floresta espessa esguedelhada aos ventos.
Não entra o vicio aqui com beijos dissolutos,
Nem as lendas do mal, nem as chóros dos lutos.

— E os que viram passar serenos os seus dias . . .
E curvados se vão, ás longas ventanias,
Cheio o peito de sol, atravez das florestas,
Á calma do meio dia . . . e dormiam as sêstas,
Tranquillos sobre a eira, entre as hervas nas leivas,
Vão cansados depois, entre os ramos e as seivas,
Outra vez sob o Sol — a sua eterna crença —
Em fructos resurgir á natureza immensa,
E, aos beijos do luar, descansarem felizes,
Da bem amada ao pé, no meio das raizes! . . .

Morrer é livramento! . . . oh deve saber bem
Sentir-se dilatar na Natureza mãe!
Ser tronco, ramo ou flôr, nuvem, herva ou alfombra,
A rosa que perfuma, a arvore que dá sombra,
Estremecer, na encosta, ás nocturnas geadas,
E recortar o azul das noutes constelladas! . . .

Sim! pelo claro azul d'essas noites serenas,
Que o segador trigueiro entôa as cantilenas,
Tão tristes como a lua e o espinho dos martyrios,
E que atravez do azul parecem cair lyrios . . .
Quando a brisa baloiça as folhas inquietas,
Noivam os rouxinoes e se abrem as violetas,
E a Natureza tem como um sabor de beijos,
Que obriga a soluçar a alma de desejos . . .

Que segredos dirão, nas brisas mensageiras,
À doçura da lua, a flôr das laranjeiras,
O lyrio, a madresilva, os jasmims vacillantes,
Que foram já, talvez, seios fortes e amantes,
E que a hoje, á branca luz dos myrthos sideraes,
Conversam sobre o amor e os gosos ideaes
Do tempo... que a falar corriam breve as horas,
Que seus olhos leaes tinham a côr d'amoras,
E debaixo do ceu teciam longas danças,
Ao pé da amante meiga e de compridas tranças!...

No lago somnolento a flôr do nenuphar
Talvez é um coração que abre para chorar,
O lyrio um seio bom,—e as violetas curvadas
São os olhos talvez das dôces bem amadas...

Feliz o sementeiro que vive entre os arados,
O campo, os lentos bois, longe dos povoados,
Entre os rijos irmãos humildes e trigueiros,
Que vivem sob o sol, á chuva, aos nevoeiros,
E quando á noute finda os suarentos trabalhos,
Vem a dôce mulher buscal-o nos atalhos,
Cujo olhar, como a lua, é tranquillo e consola,
E descanta, chorando, á noute na viola!...

E os que andam pelo mar, trigueiros e contentes,
Entre as ondas e o Ceu, nostálgicos, clementes,
Entre os cantos do vento, olhos fitos nos ceus,
Entre o azul, o escuro, e os frios escarceus,
Hombro a hombro abysmo,—abysmo sempre aos pés —
Que dormem á poesia, á lua das marés,
E morrem uma noute, ó mar, aos teus emballos,
Deixando uns olhos bons e meigos a choral-os! . . .

Eu, por mim, não terei um astro bom nos Ceus,
Nem uns olhos leaes que chorem pelos meus,
E que inda a fronte mal me obscureça a magoa,
Como espelhos d'amor já sejam rasos d'agua! . . .
Sósinho passarei, e não irei jámais,
Pelas murtas, com *ella*, ás tardes outomnaes.
De inverno, não terei os consolos do lar,
Nem do estio a doçura immensa do luar,
Meus filhos não irão jámais colher os ninhos,
—Ninguem virá, á tarde, esp'rar-me nos caminhos.

OS MONGES DE ZURBARAN

(IMITADO DE TH. GAUTIER)

Monges de Zurbaran! ó magros solitarios,
Que ao longo deslisaes dos grandes claustros frios,
Correndo eternamente as contas dos rosarios!

Dos remorsos sentis os santos desvarios?
Que mal vos fez a Carne, algozes de tonsura?
Espectros monacões cavados e sombrios?

Essa materia vil — que é divina esculptura,
E que o Justo vestiu nas santas tradições,
Com que lei e razão é que bradaes: — Impura?

Ó santos! eu entendo as allucinações!
Os chumbos em fusão, as abrasadas lenhas,
As grelhas, a polé, as fauces dos leões...

As rodas infernaes que rasgam as entranhas,
Tudo o que Roma ideou: — mas o que eu não entendo
É o suicidio e a fé sob essas estamenhas.

Porque pois, sempre assim, um suicidio horrendo?
E toda a noite a carne, entre as vis disciplinas,
Dilacerar até o sangue vêr correndo?...

Não são só as crueis macerações mofinas,
E o continuo bater nos peitos angulosos,
Que em tuas letras só, ó Christo! nos ensinas.

Julgais que Deus só quer aos grandes ulcerosos,
E que essa morte lenta, esse ar austero e grave,
Vós faça abrir mais cedo os ceus gloriosos?...

Julgais que tal suicidio os grandes crimes lave?
— Largae das magras mãos, unidas, as caveiras,
Vossas covas, mortaes, deixai que um outro as cave!

O espirito immortal ergue-se entre as fogueiras.
Mas continuo insultar a Carne com desdem,
È rebaixar-te, ó Deus, a charlatão de feiras!

E, comtudo, que força e que energia teem,
Esses monges de Deus, em vivo amortalhados,
A viver sem mulher, sem paes, e sem ninguem!...

Tão moços, e, assim já tão velhos e cavados!
Por horisonte um claustro e um muro, — indifferentes —
Sósinhos a resar, ante os Crucificados!

Teus frades, Lesueur, são d'estes diferentes!
O triste Zurbaran soube exprimir melhor
Os extases do olhar e as cabeças doentes...

E a vertigem do ceu, o tédio, o desamor
Da Carne, que lhes dá aureolas febris, —
E esse aspecto que faz gelar-nos de pavor.

Como o duro pincel lhes pinta a flôr de liz
Dos cilícios! e a luz dos olhos mortecidos,
E essas rugas que os faz magros, sublimes, vis!...

Como as pregas alonga aos habitos compridos!
Como ás faces lhes cava a pallidez da terra,
Como se fossem já uns mortos estendidos!...

Quando as visões do Ceu nos extases descerra,
Ao Crucifixo os pés beijando soluçantes,
E açoutando-se qual o mar açouta a serra...

Ou quando passeaes pelos claustros gigantes,
Nem mesmo a propria sombra atraz deixando ao muro,
— Sempre, ó monges! vos pinta eguaes e semelhantes!

Com duas tintas só — claro livido e escuro,
Só duas posições — a recta e a que inclina,
Pintou a vossa historia e o vosso viver duro!

A fôrma, o raio, a côr, a luz que nos fascina,
Nada são para vós, magros indifferentes,
Por que o Ceu vos desvaira e a Cruz vos allucina!

E assim mudos passaes nas Biblias reverentes...
Julgando sempre ouvir nos ceus que se descobrem,
Trovejar de repente as trombetas dos crentes.

Ó monges! ó fieis! não entendeis o Homem!...
Talvez a herva cresça, agora, em vossos peitos,
Pois bem, que dizeis hoje aos vermes que vos comem?

Que sonhos maus fazeis n'esses extremos leitos?
Choraes o ter gastado o tempo que nos foge,
Entre essas solidões e esses muros estreitos?...

Monges, o que haveis feito, inda o farieis hoje?

A BELLA FLOR AZUL

Quem saberá «sigrora» onde terá nascido
esse bello lyrio branco?

VELHA COMEDIA ITALIANA

Eu não sou o fatal e triste Baudelaire,
Mas analyso o Sol e decomponho as rosas,
As rijas e imperiaes dahlias gloriosas,
— E o lyrio que parece o seio da mulher:

Tudo o que existe ou foi, morre para nascer.
Na campa dão-se bem as plantas graciosas.
E, um dia, na floresta harmonica das Cousas,
Quem sabe o que serei, quando deixar de ser!

A Morte sae da Vida — a Vida que é um sonho!
A flôr da podridão, o bello do medonho,
E a todos cubrirá o mystico cypreste!...

E, ó minha Sphinge, a flôr pallida e azul no meio,
Que hontem tinhas no baile e que trouxeste ao seio,
— Levantei-a d'um chão onde passára a Peste.

HORA DO MEIO DIA

J'étois inquiet distrait, rêveur; je désirois
un bonheur dont je n'avois pas l'idée.

Confessions de J. J. RUSSEAU

— Sósinho no meu quarto retirado, --
Certas horas do dia calorosas,
Quando as flexas do Sol queimam as rosas,
Eu scismo no seu corpo esbelto e amado!...

As curvas do seu collo assetinado,
Mais fino que o das rôllas amorosas,
Dar-me-hiam as noutes voluptuosas
De que falam os doutos do Peccado.

Mas, no emtanto, lá fora o sol adusto
Queima as campinas e o aldeão robusto,
Vôam abelhas a colher o mel.

E eu cheio de tristeza e d'anciedade,
Continuo a scismar — como um abbade —
Na Virgindade olympica e cruel.

CANTIGA DO CAMPO

Como eu adoro as tuas «simplicidades!»

MINHA

Porque andas tu mal commigo,
Ó minha dôce trigueira?...
Quem me dera ser o trigo
Que, andando, pisas na eira!

Quando entre as mais raparigas
Vaes cantando entre as seáras,
Eu choro, ao ouvir-te as cantigas
Que cantas nas noutes claras!...

Os que andam na descamisa
Gabam a violla tua,
Que, ás vezes, ouço na brisa
Pelos serenos da lua.

E falam com tristes vozes
Do teu amor singular
A'quella casa onde cozes,
Com varanda para o mar.

Por isso nada me medra,
Ando curvado e sombrio!...
Quem me dera ser a pedra
Em que tu lavas no rio!

E andar contigo, ó meu pomo,
Exposto às chuvas e aos soes...
E uma noute morrer como
Se morrem os rouxinoes!

Morrer chorando, n'um chôro
Que mais as magoas consolla,
Levando só o thesouro
Da nossa triste viola!

Porque andas tu mal commigo,
Ó minha dôce trigueira?...
Quem me dera ser o trigo
Que, andando, pisas na eira!

A AGUIA

No tempo em que era a grande Deusa viva,
Os deuses, os heroes, e as Musas bellas,
Dizia uma aguia velha e pensativa,
Que fizera a viagem das estrellas :

— Vão-se indo as tradições... e hão-de ir com ellas
Apollo, Jove, Vichnú, e Siva!
Um astro é grão de luz, o mar saliva
De ti ó grande Pan!... Só Pan tu vélas!...

Mas quando assim falava a aguia, eis quando
Se ouviu aquella voz triste bradando
Na Sicilia : *Morreu o grande Pan!*...

Épheso estremeceu, carpiu Eleusis.
Mas a aguia velha gargalhou : — Ó deuses !
Qual será o deus novo de amanhã ?

ACCUSAÇÃO À CRUZ (1)

Ainsi lirait-il les antiques vérités, les tristes
vérités, les grandes, les terribles vérités.

DE QUINCY

Ha muito, ó lenho triste e consagrado!
Desfeita podridão, velho madeiro,
Que tens avassallado o mundo inteiro,
Como um pendão de luto levantado.

Se o que foi nos teus braços cravejado
Foi realmente a Hostia, o Verdadeiro,
Elle está mais ferido que um guerreiro,
Para livrar das flexas do Peccado.

Ha muito já que espalhas a tristeza,
Que lutas contra a alegre Natureza,
E vences ó Cruz triste! Cruz escura!

Chega te o inverno, symbolo tremendo.
Queremos Vida e Arção — Fica-te sendo
Um emblema de morte e sepultura!

(1) Este soneto publica-o o auctor, para obedecer apenas ao plano de recdição integral da primeira edição.

LUTHERO

Ah, és tu diabo?...

Lenda monacal

Luthéro, o frade austero e macilento,
Encontrou a Satan dormindo um dia,
N'uma rua d'Erfurt, á ventania,
Envelhecido, calvo, e vinolento.

Dorme! gritou-lhe o frade... a teu contento,
Guloso Pae da Indigestão, da Orgia!
Renunciaste ás lições de Theologia,
Ó velho corvo mau do Firmamento?

Ó mundo, como tu, está calvo é velho.
A Igreja é o lupanar do Evangelho.
E tu, ó ébrio, gulotão, descanças!...

Satan, olhando o azul, disse: — As estrellas
Vão pelo Ceu tão baças, amarellas,
Deus já deixou enferrujar as lanças!

A TERRA

Fecundarás a terra com o suor do teu rosto.

Cavae, eternamente, a velha terra!
Soffrei, suae, gemei na dura enxada,
Fecundae-a na paz ou pela guerra,
Quer seja pelo arado ou pela Espada.

O' Homem! trabalhar é tua herança,
Até que a Morte emfim grite — descança!

E' a Arvore a tua companheira,
O lar, a tenda, a sombra dé teus passos,
Da tua amante a perfumada esteira,
Como bençãos t'estende os longos braços!

E ou seja em teu inverno, ou teu estio,
— E teu berço, teu leito, e teu navio!

E' preciso que as lagrimas que correm
Façam crescer dos cardos os trigoaes,
E, por cima dos corpos dos que morrem,
Se ergam verdes loureiros triumphaes.

E' preciso que em paz ou pela Guerra,
—Com pranto ou sangue se fecunde a Terra!

E' preciso caval-a!—Nos teus braços
Luza a enxada ou o gladio de destroços.
A vida é curta — e breves nossos passos,
E as flôres vivem, crescem, sobre os ossos!

E o berço não é mais, ó creatura,
—Que a linha d'união á sepultura!

E' preciso que a Morte, a dôr, os lutos
Se transformem em vinhas ostentosas,
Nossos prantos convertam-se nos fructos,
Do sangue dos heroes tinjam-se as rosas.

Soffrei, lutae, morrei, ó infelizes!
—O vosso sangue é util ás raizes.

O OURO

A THEOPHILO BRAGA

Dizia o ouro á pedra: — Ente mesquinho!
Que profundo scismar sempre te préga
Á beira d'uma estrada, ou d'um caminho,
Pasmada, mas sem ver, eterna cega?

Em vão o orvalho a ti te lava e rega!
Em ti não cresce nunca pão, nem vinho.
Dura e inutil — o lodo é teu visinho,
E o homem só, por te pisar, t'emprega!

Em ti só medra e cresce o cardo e os lixos.
Tu serves só d'abrigo ao lodo e aos bixos.
E ensanguentas os pés descalços, nós!

O' pedra! quanto a mim, sou a Riqueza!
A cega disse, então, com singeleza:
— Eu trago no meu peito occulta a luz.

O BUDHÁ

DE CATULLE MENDES

O Budhá scisma, as mãos sobre os artelhos.

Aquelle então que ouvira os seus conselhos
Diz: — Mestre! os que não forem resgatados
Do Mal, são como uns ceus annuviados!
Aos povos que d'aqui moram distantes,
Para que a Lei não errem, ignorantes,
Consenie que, affrontando os soes e os frios,
Montes, rochas, passando a nado os rios,
Teu grande dogma, ó Mestre, eu vá prégando!...

— Mas se elles... o Budhá córta, sondando,
Te insultarem, eleito! que dirás?

— Direi só: — estas gentes não são más.
Pois vindo-lhes prégar de terra alheia,
Não me atiram aos olhos com areia,
Nem me espancam e ferem com pedradas!

— Mas se as gentes, acaso, allucinadas
Te espancaram, causando graves danos ?

— Estes povos, direi, são muito humanos,
E ha doçura n'aquelles corações.
Pois quando erguiam pedras e bastões,
Contra uma creatura tão mesquinha,
Não tiraram a espada da bainha.

— Se o ferro te ferir ?

— São bons, de sorte
Que me ferem, sem querer-me dar a morte.

— Se morreres ?

— A morte é grande esmolla.

— Vae pois, o Budhá diz, salva e consola.

NO CALVARIO

Maria, com seus olhos magoados,
Ceus espirituaes... lavava em pranto
As largas chagas de Jesus, enquanto
Ria ao pé um dos Tres Crucificados.

Semblantes de mulher mortificados
Escondiam a dôr no casto manto.
— Uma mulher d'Hennon chorava a um canto.
— Jogavam sobre a túnica os soldados.

Martha, os pingos de sangue, alva açucena,
Dir-se-hia no bom seio recolhê-os.
Alguns riam brutaes d'aquella pena...

Salomé tinha um mar nos olhos bellos.
João fitava a Cruz — Mas Magdalena,
Limpava a Christo os pés com seus cabellos.

HÉLI! HÉLI!

Quando elle, emfim, morrendo, elle o cordeiro,
Pomba mansa no ar pesado e immundo,
Pendeu-se como um lyrio moribundo,
Sobre a haste do tragico madeiro,

E lançandô o espirito profundo
Ao reino bello, grande, e verdadeiro,
Finou-se, emfim, chagado e justiceiro,
Ainda, ainda, perdoando ao mundo...

Um soldado romano vendo-o exposto,
E já rôxo na Cruz, com um sol posto,
Com a lança enristada o trespassou...

Sain d'aquella chaga sangue e agua.
— Ah, sangue que não deu a tanta mágua!
— Lagrimas, sim, talvez que não chorou!

AS ALDEIAS

Eu gósto das aldeias socegadas,
Com seu aspecto calmo e pastoril,
Erguidas nas collinas azuladas...
Mais frescas que as manhãs finas d'Abril.

Levanta a alma ás cousas *visionarias*,
A doce paz das suas eminencias...
E apraz-nos, pelas ruas solitarias,
Ver crescer as inuteis florescencias.

Pelas tardes das eiras — como eu gósto
Sentir a sua vida activa e sã!
Vêl-as na luz dolente do sol posto,
E nas suaves tintas da manhã!...

As creanças do campo, ao amoroso
Calor do dia, folgam semi-nuas,
E exhala-se um sabor mysterioso
Da agreste solidão das suas ruas.

Alégram as paisagens as creanças,
Mais cheias de murmurios do que um ninho,
E elevam-nos ás cousas simples, mansas,
Ao fundo, as brancas velas d'um moinho.

Pelas noutes d'estio, ouvem-se os rallos
Zunirem suas notas sibilantes...
E mistura-se o uivar dos cães distantes
Com o canto metallico dos gallos.

BENEFICIOS E PHILOSOPHIA DO SOL

Tem sido até agora — o scintillante
E antigo Sol, amigo da Harmonia,
Que me tem ensinado, cada dia,
A desprezar a Morte escura e errante.

As densas nuvens do porvir distante
Desdenha as a sua épica alegria,
E a sua heroica e sã philosophia
Nada, até hoje, eguaia e é semelhante.

Decerto: é grato ao soffrimento insano
Dos tristes, quando surge o *rosto humano*
Da lua, abrandecer o Ceu com ais...

Mas, quando é que jámais dobrou á Sorte,
A alma do *fakir* — paciente e forte, —
Mais sereno que as plantas e os metaes?

DISPUTA

Voltair' dando co' o pé n' uma caveira, ria
Com certo riso mau, sinistro, mofador.
— A velha companheira, então, da Theologia
Dos Santos e da Cruz, bradou ao pensador :

— És tu impio Voltaire, ó verme roedor
Das folhas do Evangelho! ó Satan da ironia?
Cujos risos crueis fazem chorar Maria,
E desprégam do lenho a ensanguentada flor?..

Tu tens lançado o cuspo aos astros lancinantes,
Abalado da Cruz os cravos vacillantes,
E ladrádo de Deus que julgas a dormir!..

Mas olha em cima é o Ceu, dos astros sementeira!..
— Voltair' disse-lhe então: Pois se assim é, caveira,
Por que te encontram, sempre, ao pé da cruz a rr?

AS CATHEDRAES

Como vos amo ver, ó cathedraes sosinhas,
A recortar o azul das noutes constelladas...
Erguidos corucheus, misticas andorinhas,
— Ó grandes cathedraes do sol ensanguentadas!

Como vos amo ver, pombas alvoroçadas
Ogivas ideaes, anjos de puras linhas,
Catacumbas sem luz, aonde embalsamadas
Dormem, de mãos em cruz, as santas e as rainhas!

Em vão olhaes o Ceu sagradas epopeias!
Flores de renda e luz, d'incenso e aromas cheias,
Aves celestiaes, bauchadas da manhã!

Em vão santos e reis, ó monges dos desertos,
Em vão, em vão resais, sobre os livros abertos,
— O Ceu, por que chorais, é uma ficção christã!

LYCANTHROPIA

L'auteur a remarqué que la mort de ceux qui nous sont chers, et généralement la contemplation de la mort, affecte bien plus notre âme pendant l'été, que dans les autres saisons de l'année.

(Paradis artificiels.)

Nuvens da tarde, azul fundo e sereno !
E astros inviolados, laranjeiras !
Para mim não valeis seu riso ameno,
E aquellas *lindas*, languidas olheiras!..

Nunca mais... eu bem sei que nunca mais . . .
Ouvir-lhe-hei seus ais no ar calado,
Junto á janella á tarde, no bordado,
E entre as murtas do outomno... Nunca mais !

.....

Quando á tarde, no ocaso, os penetrantes
Cheiros das plantas nadam pelos ares...
E que as vermelhas nuvens singulares
Tomam formas de sonhos fluctuantes...

Quando ha no azul a mystica elegia,
Que nos lança nas lugubres chimeras,
Eu scismo então — ó rútilas espheras! —
N'aquella que já come a terra fria!..

E então, n'aquella vaga somnolencia,
Somnolencia em que a terra desaparece...
Mais immortal seu vulto me parece,
Mais cruel e sem fim *aquella ausencia!*

Nuvens da tarde, azul fundo e sereno!
E astros inviolados, laranjeiras!...
Nunca mais me dareis seu riso ameno,
E aquellas *lindas*, languidas olheiras.

Quando é que, ó grande e santa Natureza!
Me poderás um dia consollar
— D'aquella que já mais eu pôde amar —
Inacreditavel, lugubre crueza!...

D'aquella que talvez, alegre e louca,
Eu de certo amaria — amara, é certo! —
Mas que era pobre e só, e cuja boca
Tinha a vermelha còr d'um cravo aberto.

Cuja voz era doce como um favo,
Voz que tocava as cordas mais secretas!..
Que nos fazia o coração escravo,
Cujos olhos... leaes tulipas pretas!..

Nuvens d'Agosto, azul fundo e sereno!
E astros inviolados, laranjeiras!..
Nunca mais me dareis seu riso ameno
E aquellas *lindas*, languidas olheiras.

Nunca mais... Ah! mas não. Virá um dia,
— Dia livre de vis *conveniencias*!—
Que a ella me una, emfim, na terra fria,
E te ache, ó paz! nas santas florescencias.

O PECCADO

Nunca cessamos de peccar.

I

UBIQUE DÆMON

Bem sei... e mais que o sei, claro luar!
Que segundo a severa Theologia,
Pelas noutes sonóras de poesia
O aroma dos lyrios faz peccar!..

Quem vos diria!.. madresilvas, mar,
Lilazes, claros rios, cotovia...
Que, ao dizer da tirannica Theoria,
Vós tarieis a Carne triumphar!

Ah! Natureza, pois, se és criminosa,
E nos levam ao mal urnas da rosa,
Bom coração do Christo inviolado...

Quantos não vês morrer, do ceu profundo,
Cheios de sangue, como heroes, no mundo,
— Exhaustos dos mil golpes do Peccado!

II

O PECCADO

Elle é antigo, tragico, venal.
Amando a Carne, o Crime, os assassinos,
E como a folha acerba d'um punhal,
— É quem golpeia os seios femininos.

É complicado, mystico, ritual,
Com sombrios escrúpulos divinos,
E é quem faz estorcer os braços finos,
E escorregar a lagrima final...

No entanto, grato e funebre Peccado!
Attrahente, gostoso, desejado,
Negro nome de vicio e perdição...

A Egreja vê em tudo as tuas chagas,
E ha muito tempo já que o mundo esmagas,
E te embriaga o sangue da Paixão.

III

A CIDADE

Em vão busco na velha e hostil Cidade,
Beata amante, de gangrenas cheia,
As dispersas raizes da Verdade,
— Como uma flôr, n'um pateo de cadeia.

Quando, alta noute, *D. Juan* passeia,
Ella põe-lhe em leilão a mocidade...
Tratada com a mystica anciedade,
Com que um sabio cultiva a flor da Idéa.

Mas, comtudo, ninguem receia tanto
O aspero Deus e o lenho sacrosanto
Da dorida tragedia do Calvario...

E, ó *D. Juan*, ás luzes das estrellas,
Tu bem sabes se encontras, nas ruellas,
Mais de uma vez, perdido algum rosario!..

IV

O INIMIGO

À genoux ! Je suis Pan !
(VICTOR HUGO.)

Ha muito que é chamado o Aborrecido,
O Rebelde, o Leproso, o Descontente,
O eterno Tentador sempre vencido,
Que habita o Ar, a Terra, e o Fogo ardente.

Elle é a Hydra, a Carne, o Incontinente,
O Orgulho nos abysmos submergido,
O que anda sempre em nós, o cão batido,
O espirito da Duvida, a Serpente,

Mas, mau grado, ó Igreja, a tua ira,
Elle não é nem Vicio, nem Mentira,
Nem synonymo de Mal e de Impureza!.

E eu bem sei, negro symbolo apupado,
Velho satyro, vil, calumniado,
— Diabo! que te chamas «Natureza.»

V

EM TODA A PARTE

Elles teem dito e escripto que o Peccado
Anda disperso e rôe o mundo inteiro,
Que habita o duro coração gnerreiro,
E o peito femenino e delicado.

Que anda no ar, em nós, da flôr no cheiro,
Das pugnas no ruido desolado,
No vinho, na paz doce do mosteiro,
— No corpo da mulher perfeito e amado!

É portanto, homem timido e sujeito,
Quer te encostes, ou não, ao vão Direito,
O teu funebre gozo e teu tormento...

Habitua-te a tel-o na Desgraça,
No ar, no chão, na flor, no som que passa...
— E até, serpente vil, no Pensamento!

VI

À JANELLA

Altas horas da noite, quando a rua
E' deserta da onda crapulosa,
No seu caminho em meio, vagarosa,
— Abro a minha janella, a vêr a lua.

Como uma branca divindade nua,
Ella avança celeste, e, á luz ditosa,
Qual copo de cristal que enche uma rosa,
O goivo do Peccado em luz fluctua.

Fluctua, e é n'estas horas recolhidas,
Que eu me ergo então ás cupulas subidas,
D'onde se avista o mystico ideal...

E rio, e admiro o vulgo obcecado,
Que cuida vêr, nas beiras d'um telhado,
— Abrir-se, n'um *craveiro*, a Flôr do Mal!

VII

ELLA

Quando *ella* emfim morrer, verão os vivos,
Cortando o ar uns ais de sentimento,
Como os lugubres córos dos captivos,
N'um triumpho, ou n'um grande saimento.

Ouvir-se-hão soluços pelo vento,
Elogios, ais fundos, fugitivos,
Que dirão:— «Lá se vão meus lenitivos!
Morreu a Espada, a Lei, Guia, e Sustento!

O seu tumulo terá goivos e rosas,
E vãs estatuas lividas, chorosas,
E epitaphios em lúgubre latim...

Terá palmas mais verdes que a Esperança.
—Mas a alma, em cima, escreverá:—Descança,
Serpente, irmã de Judas e Kain!

SONETO D'UM POETA MORTO

ACHADO NOS SEUS PAPEIS

Bem sei que hei de morrer cedo e cansado,
Alguma cousa triste em mim o diz...
E vagarei no mundo, desterrado,
Como o Dante, chorando a Beatriz.

Pelos reinos, irei talvez curvado.
Como um proscripto principe infeliz,
Ou como o índio pallido e exilado,
Chorando o vivo azul do seu paiz.

Mas no entanto, ah! ninguém, ao Sol divino,
Abrasou mais as azas, derretidas
Ante as duras, ferozes multidões.

E ninguém teve a torre d'ouro fino,
Aonde, quaes princezas perseguidas,
Morreram minhas doidas illusões!..

A UMA JUDIA

(SAUDAÇÃO)

Avé Regina !
(*Hymno Catholico*)

Le second soleil! Le second soleil.
(*Phantaisies scientifiques de Sam*)

O' filha d'Israel, ó vestal impolluta!
— Serena como a côr diaphana do azul—
O Rebelde da luz vencêra Deus na lucta
Se armára contra os ceus teus cabellos do Sul.

Filha de Cham e Loth, tu és o ideal vivo,
(O' ouro, incenso e myrra, ó licor nunca visto!)
Quando nos queima a luz do teu olhar esquivo,
Teus olhos ferem mais do que os cravos do Christo.

São dous cravos de luz, dous limpidos espelhos,
— A luminosa cruz onde me eñsangnentei! —
N'elles soletro claro os grandes Evangelhos,
E n'elles leio mais que nas taboas da Lei.

Quando passas por mim, toda a minha alma aneia,
E os meus olhares vão cobrindo-te de beijos,
E tu passas — archanjo em corpo de Phrynea, —
E Biblia encadernada em lubricos desejos.

Ah! teus olhos crueis, límpidos, negros, baixos,
Se um dia o sol, morrendo, enoutecesse os cens,
Ser-me-hiam, mulher! como dois grandes fachos,
À luz dos quaes iria a ver se achava Deus.

A VISITA ⁽¹⁾

Hontem dormia a noute — e, eis que desperto,
Sacudido d'um vento agudo e forte,
Como um homem tocado pela Morte,
Ou varrido d'um vento do deserto.

Accordei — era Deus, que de mim perto,
Me dizia: Alma sceptica e sem norte!
E' preciso que creias e te importe
Adorar o Deus Uno, Eterno, e Certo!

E' preciso que a fé cresça em tua alma,
Como no inutil saibro a verde palma,
Verme! filho da Duvida — *Eis-me aqui!*

Eu sou a Espada, o Antigo, o Omnipotente!
Crê, barro vil! — Mas eu, descortezmente,
Voltei-me do outro lado e adormeci.

(1) D'este soneto pôde dizer-se o que fica dito da «Accusação à Cruz.»

PALACIOS ANTIGOS

A ANTHERO DE QUENTAL

Bons castellos leaes, nas rochas construidos,
Ás contorsões do vento, á chuva ennegrecidos,
Que vamos admirar na angustia dos poentes...
Grandes sallas feudaes com tellas de parentes,
O que fazeis de pé, como entre os nevoeiros,
Os antigos heroes e as sombras dos guerreiros?

Uma grande tristeza enorme vos habita! . .
No entanto, a alma antiga ainda em vós palpita,
Evocando a emoção das chronicas guerreiras;
E mau grado o destroço, a herva, e as trepadeiras,
—Como um desejo bom nas almas devastadas—
Cresce, ao vento, uma flor, no peito das sacadas.

A parasita hera avassalou os muros!
Aninha-se o bolor nos cantos mais escuros,
Tudo dorme na paz das cousas silenciosas...
E nos velhos jardins, aonde não ha rosas,
—Só resistindo ainda aos séculos injustos—
Uma Venus de pedra espera, entre os arbustos.

Paira em tudo o silencio e o lugubre abandono
Das cousas que já estão dormindo o grande somno,
Evocando inda em nós os velhos cavalleiros...
— E ás lufadas do vento, os grandes reposteiros,
Entre as nossas visões das épocas sublimes,
Agitam-se, ao luar, sanguentos como crimes.

Mas, no entantó, o poeta entende aquellas dôres,
E as mudas solidões, os largos corredores,
As boas castellãs, as góthicas janellas,
Abertas toda a noute, a olhar para as estrellas...
Só elle sabe os ais e os gemidos das portas,
— E inveja, ás vezes, ser o pó das cousas mortas!

KAIN

Kain, no mundo errante, desterrado,
Fugindo á sua dôr cruenta e dura,
Morria, sobre um valle, abandonado,
— No solo primitivo da Escriptura.

O Remorso — esse mal que não tem cura —
Não abatia o peito allucinado
Do que nasceu no seio do Peccado,
Que herdou depois a geração futura.

Do Ceu sem mendigar luz, nem consollo,
Conservava inda erguido e altivo o collo,
Mas, n'essa hora fatal que a todos vem...

Kain velho rebelde, — e atheu primeiro —
Nosso pae, nosso irmão, como um guerreiro,
Bradou, caindo — *O' Terra! ó Minha Mãe!*

CHRYSANTHEMOS

MADRIGAL BIZARRO

As tuas mãos pequenas,
gotas de luz coalhadas,
são frias como hyenas
de garras afiadas.

Tuas unhas devéras
— tão róseas, mas compridas, —
lembram as das pantheras
tratadas e polidas.

Teus labios de coral
e as pérolas dos dentes
mordem mais que as serpentes,
e a vibora crotal.

Tenho lido em viagens
caçadas a leopardos.
Mas nunca vi carnagens,
como fazem teus dardos.

Tenho ouvido também
nafragios, derrocadas,
mas nunca vi ninguém,
que, a rir, desse facçadas.

Ah!... continúa rindo
n'um rir fero e espontaneo,
que um chrysanthemo abrindo
verei, morta, em teu craneo.

Qual remorso mordente
de tanta frase louca,
outro azul... suavemente...
tapará tua bocca.

E então, por ti passando,
as lagrimas em fio,
gritarei, uivarei, chorarei, gargalhando:
— *Meu bem, passou o estio!*

A UMA NOIVA

—A D. EMMA JERVIS PEREIRA, ESPOSA DO DR. JERVIS PEREIRA—

Vou-te erguer brinde festivo.
Mas ha de ser brinde em verso.
Deve ser alegre e vivo.
Não achas?... Teu universo
não é *elle*, o teu captivo,
e teu senhor?... Pois, vae verso.
E ha de ser brinde festivo.

Brindo a esse dia de flores
branquinhas, de lorangeira,
em que tu, com róseas côres,
baixinha a voz feiticeira...
Sim disseste aos teus amores.
Que aromas de lorangeira!...
Brindo a esse dia de flores.

Brindo aos dias tão amenos
que se seguiram depois!...
Que calmos dias serenos!
Não podem os rouxinoes
cantal-os... São tão pequenos!..
Tão larga a alma dos dois!...
Brindo a esses dias amenos.

Depois, os olhos suáves,
que os noivos volvem silentes...
e aquelles arrulhos graves,
o apertar das mãos tão quentes,
e os beijos, quaes beijos d'aves!..
A beijarem-se, silentes,
ólham-se os noivos suáves.

Mais tarde... a mãe beija os filhos.
Riem na casa as creanças.
Pois ha mais pompas, mais brilhos
que valham o oiro das tranças
d'uns anjos louros casquilhos?..
Riem na casa as creanças.
Mais tarde, a mãe beija os filhos.

Pois brindo ao dia de flores
branquinhas, de laranjeira,
em que tu, com róseas côres,
baixinha a voz feiticeira,
sim... disseste aos teus amores
Que aromas de laranjeira!...
Brindo a esse dia de flores.

PEQUENINOS NÚS

Dormem do povo as creanças
sobre as palhinhas dos pobres.
Meninos ricos e nobres,
vamos... deitae alguns cobres
àquellas loiritas tranças!...
Sobre as palhinhas dos pobres,
dormem do povo as creanças.

Migalhas dos vossos bollos
deitae n'aquellas palhinhas.
Não é certo, ó rosas minhas,
que ás implúmes andorinhas
levareis riso e consollos?...
Pois bem!.. deitae nas palhinhas
migalhas dos vossos bollos.

Recorta o mar uma vella
como uma penna de prata...
Assim formosa aquarella,
na vossa alma singella
debuxe idéa tão grata...
como, com pluma de prata,
recórta o mar uma vella.

FLORES, FLORES! . .

Senhoras, mercae as flôres
para ennastrar n'essas tranças! . .
São as galas dos amôres,
dos poetas e as creanças! . .
São tão cheirosas . . . As côres
falam d'amor e esperanças! . .
Para ennastrar vossas tranças
senhoras, mercae as flôres.

Quem diz flôres diz mulheres!
Fala em rosas e açucenas,
fala em amorosas penas,
em lyrios e em malmequeres . . .
Quem diz rosas ou verbenas
fala em vós, mimosos seres!
nas vossas vozes serenas,
tremidas falas amenas,
cantos, risos, ais, prazeres! . .
Quem diz flôres, diz mulheres.

Mercae a Rosa, a rainha
das mais plantas cheirosas!
Mercae-a vós, moreninha!...
Quem quer rosas! Quem quer rosas!
Mercae-a linda loiriuha,
de branca tez graciosa,
que é mesmo irmã, irmãinha,
das folhas da planta airosa...
Pois se ella é a mais magestosa,
mercae a Rosa, a rainha!...

Mercae o Lyrio real,
o branco lyrio de neve,
tão magestoso e ideal,
tão esbelto, casto, e leve!..
Quasi que o vento brutal
a tocal-o nem se atrêve.
Tocae-o, ó mão de crystal!...
Tocae-o, mãosinha breve!
Mercae o lyro de neve.
Mercae o lyrio real!..

Mercae-me estes malmequères!
São as flôres que as camponezas
consultam... Teem taes dizeres
Que agradam mesmo ás princezas!...
Pois se promettem prazeres
d'amor, promettem firmezas,

promettem sacros deveres
do coração... as duquezas
por elles se sentem prezas
como as mais frageis mulheres!..
Mercae, ó minhas princezas,
Mercae me estes malmequeres!..

Mercae os amôr's perfeitos,
que são flôres de eleição!..
Ponde-os n'esses niveos peitos,
do lado do coração!
Dae-os tambem aos eleitos
do vosso amor sem senão...
para os trazerdes sujeitos,
sem arrúfos, sem defeitos,
todos mezúras, respeitos,
todos joelhos no chão...
Se são flores de eleição,
mercae os amor's perfeitos!

Senhoras! mercae as flores
para ennastrar n'essas tranças!..
São as galas dos amores
dos poetas e as creanças!
São tão cheirosas!.. As côres
falam d'amor e esperanças...
Para ennastrar n'essas tranças
senhora, mercae as flôres.

A PRIMAVERA

(DE JULIO FORNI)

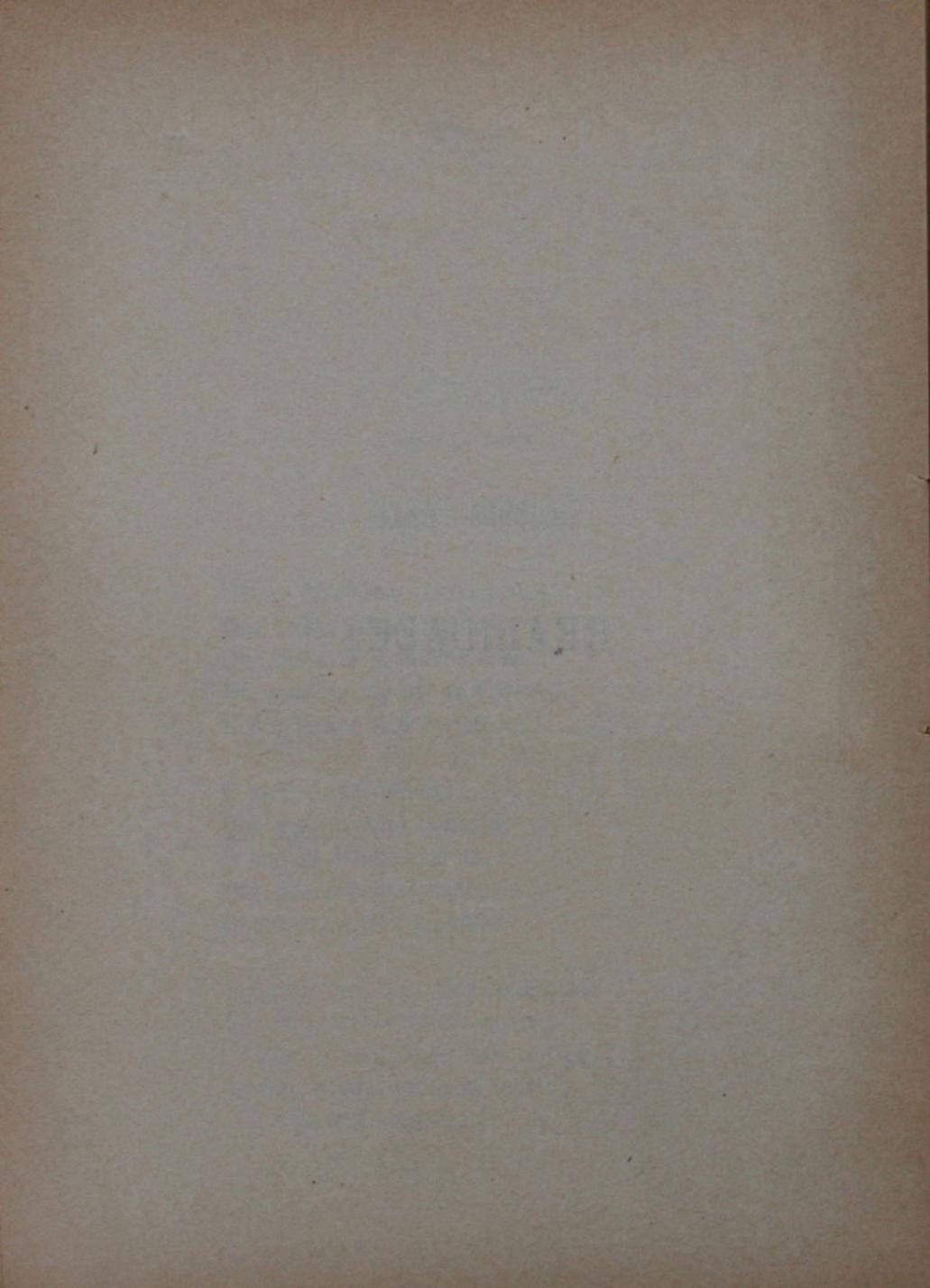
Hãode dizer-me — Insensatos!
Que tenha novos amores,
Que brilham já outros soes,
De novo se abrem as flores...
E é o tempo dos rouxinoes.

E dirão inda depois:
Que a primavera coméça,
E andam aromas no ar,
Que nos sobem á cabeça,
Como um vinho singular.

E eu dir-lhes-hei: Que m'importa!
Faz frio, fechem-me a porta!
— Ella, o meu bem, meu abrigo,
Levon, desde que está morta,
A Primavera comsigo.

SEGUNDA PARTE

REALIDADES



ACCUSAÇÃO A CHRISTO

A THEOPHILO BRAGA

Bradava um dia ao Christo, ao Redemptor,
Satan, cançado d'insultar os astros:
— Eis-te pendido ahi qual velha flor,
Propheta escarnecido nos teus rastros!..

Vê como a Igreja vae! baixel sem mastros!
Navio roto em mares do Equador!
E os seus padres tem ouros e alabastros...
E folga, Messalina sem pudor!

Tem lançado teu corpo aos cães e aos corvos!
Falsificado a Lei, cheia d'estorvos,
E fogueiras erguido, ó Christo! ó Cruz!..

Satan dizia mais... mas, lenta e lenta,
Uma lagrima viu sanguinolenta
Escorregar na face de Jesus.

DE NOUTE

A JOÃO DE DEUS

Elle vinha da neve, dos trabalhos
Violentos, custosos, da enxada...
Cantando, a meia voz, pelos atalhos.

A mulher loura, infeliz, resignada,
Cosia junto á luz.— O rijo vento
Batia contra a porta mal fechada.

Ao pé havia um Christo, um ramo bento,
E uma estampa da Virgem, colorida;
Cheia de mágoa, olhando o firmamento...

Uma banca de pinho, mal sustida,
Vacillante nos pés, um candieiro;
— Companheiros d'aquella negra vida.

O homem alto, pallido, trigueiro,
Entrou: tinha as feições queimadas, duras,
Dos que andam, com a enxada, o dia inteiro.

A mulher abraçou-o. As linhas puras
Do seu rosto contavam já tristezas
De grandes e secretas amarguras.

Tinha chorado, muito, as estreitezas
D'aquella vida assim!... Talvez sonhado
Um dia, com palacios e riquezas!

Elle deitou-se a um canto; fatigado
D'erguer-se alta manhã, todos os dias,
Mal voavam as pombas no telhado.

Lá fóra, nuvens grossas e sombrias
No pesado horizonte; elle assim esteve;
— As noites eram asperas e frias. —

Ella cobriu-o d'uma manta leve,
Esburacada, velha; — no telhado
Ouvia-se cair, sonóra, a neve.

Ella, então, meditou no seu passado;
No seu primeiro beijo; nas lembranças
Talvez, do seu vestido de noivado.

E nas tardes das eiras; e das danças
A's estrellas, e aquella vez primeira
Que a rosa lhe furtou das longas tranças!

E aquella tarde, junto da amoreira,
Que trocaram as mãos; e na janella;
E quando olhavam, juntos, a ribeira.

E quando era tímida e singella...

.....

Lá fóra, dava o vento nos caixilhos;
Não brilhava, no ceu, nem uma estrella.

E, áquella hora da noite, por que trilhos
Andariam no mundo — ella scismava —
Nas miserias, talvez, sem rumo, os filhos!..

Elle, na manta velha resonáva.

AQUELLE SABIO

N'aquellas altas janellas
Que deitãm para o telhado,
Eu vejo-o sempre encostado,
A namorar' as estrellas.

Tem assim ares d'um empyrico,
Mui lido em philosophástros :
E' um pobre poeta lyrico,
Que escreve cartas aos astros.

Traz luto nos seus vestidos,
Por uma Ophélia de menos :
Tem uns cabellos compridos,
E uns olhos tristes, serenos.

Parece um Jove proscripto,
E já descrente das Lédas.
Conhece o hebraico, o sanscrito
E os livros santos dos Védas.

Espelha na luz do olhar
Não sei que visões amenas:
Anda sempre a imaginar
Idyllos ás açucenas.

E aquella mulher vaidosa,
—Que elle chama a sua Egéria—
Ri d'aquella alma anciosa,
E aquella turva miseria...

.....
.....
.....

Mais de tres dias ou quatro
Que lhe falta o necessario.
Estava hontem, no theatro,
Com luvas côr de canario.

NA TABERNA

A JOÃO DE DEUS

Vejo apontar o hynverno...
os crepitantes frios
Me acontam as vidraças...

FRANCISCO MANUEL

Alguns dormem, nas mezas, debruçados,
Junto aos restos de um vinho já bebido;
— Outros contam seus casos desgraçados.—

Um d'elles alto, magro, mal vestido,
Conta historias d'amor; lançando fumo
D'um cachimbo de gesso ennegrecido.

Um tenta levantar um outro a prumo
Sobre os hombros, e um calvo, e já vermelho
Faz das suas miserias um resumo.

Depois conta que o pae éthico e velho
Lhe está para morrer; lastima a vida;
E sobre as vinhas péde um bom conselho.

A casa é escura, velha, ennegrecida
Do fumo. Noute velha ouve-se o vento
Bater na antiga porta carcomida.

O frio, a neve, a fome, o mau sustento
Tem quebrantado muito aquellas fronte;
E em muitos esmagado o pensamento.

N'alguns extinguido, mesmo, as fontes
Da justiça e do bem; e feito errar,
No mundo, como os lobos pelos montes.

E o egoismo dos filhos e do Lar
Banido o dó das lastimas estranhas,
E tornado-os mais frios do que o mar.

Alguns vivem nas neves, nas montanhas:
Outros o rio tem por seu visinho,
E com a Fome travam más campanhas.

E — todos — tem o ar triste e mesquinho,
Dos que vão, sem prazer, habituados,
Como a um somno que tira maus cuidados...

Beber as suas lagrimas com vinho.

OS LOBOS

La neige batait les vitres...

GUSTAVO DROZ

Cae lentamente a neve em cima dos telhados.

Tres longos dias crús, horriveis, são passados,
Que o rude lavrador anda por fóra ao vento,
A' neve, ao frio, ao sol, em busca de alimento,
E ainda não voltou. Um dos tres filhos chora.
Rija e sonóramente, a chuva cae lá fóra.

Quem sabe se virá? Já tem corrido os dias:
Ella, pobre mulher, viúva d'alegrias,
Magra, branca, doente, aspecto macerado,
Ha muito que presente um caso desgraçado,
O assassinio talvez!.. Ha horas malfadadas.
A miseria é sinistra e extensas as estradas!

Talvez pelo caminho, entre atalhos perdidos,
Na dura escuridão matassem-n'o os bandidos;
A fome, magra e escura, a tudo obriga e atreve...
— Talvez de sangue esteja ainda tinta a neve!

Elle era bom :— talvez um pouco rude e duro !
Mas é que a vida é triste: e o seu trabalho escuro
A' chuva, ao frio, aos soes, pelo luar gelado
Faziam-o cruel ; e ás noutes embriagado,
Talvez para esquecer, tinha — sinistro o vinho.
Mas, no emtanto, era o sol d'aquelle estreito ninho,
A Alegria, a Força ; e a fome macerada
—Tinha-a espancado sempre a sua forte enxada !

Então, cheia de dôr, pallida de receio,
Quiz il-o procurar, pegou n'um filho ao seio,
O mais novo, e accendeu, tremendo, uma lanterna.
Vinha, ás vezes, no vento uns risos de taberna ;
A noute era cruel, a chuva rija e fria ;
Riam-se os pinheiraes, a solidão gemia ;
Corriam tradições de mortes e de roubos ;
— E ouvia-se, na neve, uivar de fome os lobos.

Se saísse, talvez não encontrasse abrigo.

Os filhos, a chorar, queriam ir comsigo.
Um esfregava o rosto em prantos e cabellos,
Perto d'um gato esguio, involto entre novellos,
E outro, roto, magro, e definhado, em pranto,
— Soluçava e tossia, ao mesmo tempo, a um canto.

Ambos elles, sem côr, doentes, encovados,
Dormiam pelo chão, nos ásperos sobrados,
Magros, cheios de febre, em farrapos, sombrios,
Sórdidos, semi-nús, e lividos dos frios,
A mauta esburacada e cheia de rasgões;
De vez emquando, ao longe, ouviam-se os trovões.
Caía fina a neve; a chuva terminára;
E como um grande alvor o meigo azul limpára!—
Ella saiu então; na capa esburacada
Embrulhou bem o fiho e foi-se pela estrada.
Mas, elles, a chorar, quizeram ir com ella,
E como o escuro azul tinha uma clara estrella
Deixou-os ir tambem: — que um d'elles se o levava
Era por ser aquelle a quem o pae beijava,
E affagava, sorrindo, e enchendo de carinhos,
— Quando o ia aguardar á noite, nos caminhos...

A miseria é fatal, dorida farça escura,
—Que termina o christão latim da sepultura!

E assim pensava só, vestida de tristeza
A nervosa mulher, n'aquella natureza
Sombria, dura, má; por entre aquelles gelos,
E aquelle vento crú rasgando-lhe os cabellos:
«Ella nascera só para a dôr! — da Desgraça
«Ha muito havia já que lhe amargára a taça!
«Não conhecera nunca os risos e agasalhos.
— «Os miseraveis Deus só faz para os trabalhos!

«E, áquella hora, talvez, felizes e contentes,
«Cheios do bom calor, os ricos indolentes
«Comeriam, á luz das vélas perfumadas,
«Nas mesas sensuaes: e enquanto nas estradas,
«Pelos atalhos máus, e as veredas sombrias,
«Ella ia a tiritar por entre as nevoas frias,
«Sem pão, sem luz, sem Deus — alegres satisfeitos,
«Elles riam, talvez, da chuva nos seus leitos!

«O sol d'elles é bom! — Nos duros ceus serenos
«Parece que não ha um Deus para os pequenos!

E continuáva a errar, por campos, por florestas:
Era o inverno cruel, tinham-se ido as giestas;
Iam sangrando os pés nos ásperos espinhos;
— A neve amortalhava os lividos caminhos.

«Ah como os ricos são serenos e felizes!
«— Elles sórdidos, vis, pôdem comer raizes,
«Não ter lume, nem pão, andarem macilentos,
«A's nevoas, ou aos soes, aos gelos dos relentos;
«São os párias, os Jobs, os vis: — e rejeitados
«Como os mortos que traz o mar, esverdeádos!

«E as mães se não serão leaes, boas, contentes! . .
«Sempre os filhos com pão, os filhos sempre quentes,
«Cheios d'amor, de sol, vestidos de cuidados,
«De beijos, d'affeições, d'arminhos, de bordados,

«Amados seraphins, olympicos amores,
«E áquella hora, talvez, em leitos como em flores.
— Em quanto os seus, da fome encovados, immundos,
Tremendo, d'ella ao pé, sublimes e profundos,
«Sem pão, talvez sem pae, sem leite brando e leve,
— «Choravam semi-nús, descalços pela neve!

Em toda a parte a neve amortalhava o sollo.

Por fim cada mais chorava o filho ao collo;
Não rompía o luar, não tremia uma estrella;
Nem mesmo proprio Ceu se amerciava d'ella;
Lembrou lhe as lendas más de mortos e de roubos,
E ouviu-se, já mais perto, uivar de fome os lobos.

Cada vez, cada vez se aproximavam mais.

Ella poz-se a correr, por selvas, por pinhaes.
Mas caiu-lhe a lanterna. — Os filhos, aturdidos,
Açoutavam o ar de chóros, de gemidos.
Já tinha em sangue os pés dos rijos matagaes.
— Os lobos cada vez se aproximavam mais.

Na sombra, então, ouviu-se um grito lacerante.
Tinham levado um...

Terrível, n'este instante,
Voltou-se para traz, como hyéna ferida,
Desvairada, feroz, trágica, enfebrecida,

Desejando rasgar, rugir, lutar tambem ;
Mas logo, na sua dôr, lembrou-se que era mãe,
E que ia expôr os mais aos dentes aguçados
Dos animaes cruéis.—Elles os desgraçados,
Eram filhos tambem! —Tambem seu coração!
—Fraca e vencida emfim poz-se a chorar então.

«Ella vivêra sempre entregue á dura sorte,
«Tão avara, cruel, que era mais doce a morte ;
«Sempre a escrava fiel da Familia, do Lar,
«Das duras afflicções; sabia só chorar;—
«Não invejára nunca as pompas nem os brilhos;
«—E até nem mesmo o Ceu lhe concedia os filhos!

Dir-se-hia a noute eterna, a noute desolada.
Começou a correr nos campos desvairada.
Depois voltou atraz... ouviu-se um ai profundo;
Uivavam outra vez — Levaram-lhe o segundo.

Então o medo escuro apoderou-se d'ella!...
Não se via no ceu tremer nem uma estrella,
A solidão profunda, a nevoa fria, intensa,
E em toda a parte só chovendo a neve immensa.

Proseguiu a correr, louca, feroz, sem tino,
Quasi o filho a esmagar d'encontro o seio fino,
Na dura escuridão, chamando em altos brados
Os nomes immortaes, os symbolos sagrados,

Pedindo compaixão, miseravel, vencida,
Fracca, chorando já aquella negra vida,
Convulsa de terror;—mas, longe, lentamente,
Começaram a uivar os lobos, novamente.

De novo retomou a barbara carreira,
Desalentada já; até que quasi á beira
D'um fosso, aberto ali, n'uma verêda escura,
Como um cadaver cae em uma sepultura,
Por fim, quebráda, hostile, olhando os turvos ceus,
Caiu, cheia de dôr, injuriando Deus.

No ceu surgia a lua — e já se ouvia agora,
Mais perto. elles uivar na solidão sonora.
Ali, ella aguardou que fossem devorá-la.

.....
Serena ergueu-se a lua, a lua côr d'opála.

MISERIA OCCULTA

Bate nos vidros a aurora,
Vem depois a noite escura...
E o pobre astro que ali móra,
Não abandona a costura!

Para uns a vida é d'abrelhos!
Para outros moita de lyrios!..
Bem o revelam seus olhos,
Pisados pelos martyrios!

Miseria afugenta tudo!
Miseria tem dois funestos!
— Quem é que gába o veludo
D'aquelles olhos honestos?..

Ninguem seus olhos brilhantes
Enxérge n'essas alturas...
E aquellas fórmãs tão puras,
E aquellas mãos elegantes!..

Sempre á costura inclinada!
Morra o sol, ou surja a lua,
Nunca vi descer á rua
Aquella loura encantada!..

Aquelle lyrio dobrado
Porque assim vive escondido?
Eu nem sei! — não tem calçado,
E é muito usado o vestido!

Por isso não tem porvir.
Morrerá virgem e nova.
E agnarda-a bem cedo a cova...
Que eu bem a oiço tossir!

Miseria afugenta tudo!
Miseria tem dons funestos!
Quem é que gaba o veludo
D'aquelles olhos honestos?..

Pobre flôr desfallecida
Tão nova, e ainda em botão!..
Como teve estreita a vida,
— Terá estreito o caixão.

LISBOA

Cette ville est au bord de l'eau; on dit
qu'elle est batie en marbre...

BAUDELAIRE

De certo, capital alguma do Occidente
Tem mais affavel sol, ou um céu mais clemente,
Mais collinas azues, rio d'aguas mais mansas,
Mais tristes procissões, mais pallidas creanças,
Mais egrejas e caes — e vârgens onde a esteira
Seja em tardes d'estio a flôr da lorangeira!

A Cidade é garrida e esbelta de manhã! —
È mais alegre então, mais limpida, mais sã.
Com certo ar virginal ostenta suas graças...
Ha vida, confusão, murmuriqs pelas praças.
— E, ás vezes, em roupão, uma violeta bella
Vem regar o *cravairo* e assóma na janella.

A Cidade é beáta — e, ás lúcidas estrellas,
O Vicio, á noute, sae aos becos e ás ruellas
Sorrindo, a perseguir burguezes e estrangeiros...
E á triste e dúbia luz dos baços candieiros,
— Em bairros immoraes, onde se dão facadas —
Corre ás vezes o sangue e o vinho nas calçadas.

As mulher's são gentis. — Umás altas, morenas,
Graves, sentimentaes, amigas de novenas,
Ebrias de devoções, relêem as suas *Horas*.
— Outras fortes, viris, os olhos côr d'amóras,
Os labios sensuaes, cabellos bons, compridos,
— Ás vezes, por enfado, enganam os maridos!

Os burguezes banaes são gordos, chãos, contentes,
Amantes de Cupido, egoistas, indolentes,
Graves nas procissões, nas festas, e nos lutos.
Bastante sensuaes, bastante dissolutos,
Mas humildes christãos!.. e, em mysticos momentos,
— Tendo, ainda, crueis saudades dos conventos!

Viciôsa ella se apraz n'um somno vegetal,
Adversa ao Pensamento e contraria ao Ideal.
— Mas, mau grado assim ser viciosa, egoista, á lua,
Como Nero tambem, dá concertos na rua.
E, em noutes de verão, quando o luar consolla,
— Põe ao peito a guitarra e a lyrica viola.

No entanto a sua vida é quasi intermitente.
Chafurda na inação, feliz, gorda, contente.
E, eclipsando as acções dos seus navegadores,
Abrilhanta a *batóta* e as *casas de penhores*.
Faz guerra á Vida, á Acção, ao Ideal!.. e ao cabo
—É talvez a melhor amiga do Diabo!

A SÉSTA DO SENHOR GLORIA

E' no fim do jantar. — Déram tres horas
No bom relógio antigo dos avós.
E o senhor Gloria pega n'uma noz,
Com um ar de quem trata com senhoras.

A casa de jantar toda pintada
E o estúque cheio d'aves, de paisagens,
De nymphas, prados, d'aguas, de boscagens,
Tem uma forma antiga e recatada,

D'involta com seus goles de Madeira,
Saboreia a senhora o seu café.
E ao lado, um filho rúbido, de pé,
Parece um prégador sobre a cadeira.

No collo da matrona dorme um gato
No melhor somno commodo do mundo,
Em quanto, em baixo, um cão grave e profundo,
Contempla uns restos, que inda estão n'um prato.

O senhor Gloria fâla, chocarreiro,
Do seu cunhado Aleixo de Miranda.
Lá fôra, um papagaio, n'um poleiro,
Diz cousas aos burguezes, da varanda.

Com um ar meio cómico e boçal,
Um sisudo creado atraz, de pé,
De vez em quando fala menos mal :
— O senhor Gloria aspira o seu café.

Muito tempo assim ficam n'esse estado
De santa somnolencia e beatitude,
Mais que assaz conhecido da Virtude,
Quando tem digerido e bem jantado.

No entanto, o senhor Gloria, olhos dormentes,
Contempla, na parede, os bons pastores,
Confidentes fieis dos seus amores,
— Que outrora hão já sorrído aos seus parentes.

Duas pastoras falam com poesia,
N'uma vereda d'alamos umbrosos,
E isto accorda-lhe os tempos virtuosos...
Que a hora de jantar era ao meio dia!

Bellos tempos — pensa elle — de virtude,
De gloria, amor, coragem, fé ardente,
De longas procissões e de saúde,
De singelesa e paz — vida contente!

E o senhor Glória, aqui, n'um travesseiro,
Deita a cabeça, de pensar prostrado.
— O papagaio rí no seu poleiro.
— E a senhora sorri para o creado.

FARÇA TRISTE

Je suis son père.

FLAUBERT

Ninguém diria ao certo a idade que teria.
Era um velho devasso e histrião — bom guia
Para mostrar, de noite, aos baços candieiros,
As casas de bordeis aos velhos estrangeiros.

Encontravam-o sempre a errar, imbecilmente.
— Era alto, magro, hostil, e dava-se á aguardente.

Tinha um certo tremor em todo o corpo : — o vinho
Dava-lhe um rir constante: tinha o sorrir mesquinho
E dúbio que nos faz arrepiar mau grado : —
Fôra mendigo e actor, ladrão, bobo e soldado.

Tinha os hábitos vis e as *farças* de caserna.
Ninguém sabia mais os casos de taberna.
E como elle era magro e esguio qual cypreste
Dobrava para o chão: o sopro do nordeste
Fazia-o tiritar: tinha os labios fendidos,
E uns oculos azues e linho nos ouvidos.

No entanto segue o Mal vários e negros trilhos!
O lívido truão tinha mulher e filhos
Esfomeados nós, amados, com paixão;
Por elles fôra tudo: — actor, bobo e ladrão.

Quando voltava, á noite, as lívidas creanças
Rotas, magras da fome, *ella* soltas as tranças,
Desfeita, emmagrecida, esquálida, doente,
Faziam-o chorar a vida e a aguardente.

Injuriáva Deus. Elle é sublime, augusto,
Bello, celeste, bom, dizem-o grande e justo,
E habita são, feliz, de sóes agasalhado,
Em quanto os *mais* tem fome, e que elle acabrunhado
Era velho e ladrão!... Tinha accessos, delirios.
E apostrophava o Ceu hermetico aos martyrios.
Abraçava a mulher e os filhos e de novo
Safa: — d'esta vez, voltava com um roubo.

Quando voltava então, os prantos da alegria
Tornavam-os boçaes: — e o pão era uma orgia.

A mulher tinha um riso alegre e natural,
E elle magro, faminto, exausto, machinal,
Chorava como um pae: tinha olvidado o inferno,
A miseria, a desgraça: era boçal e terno:
Tinha um ar virtuoso e angelico: os pequenos,
Cansados de soffrer a fome, o frio, ao menos
Sabiam comer bem!... Eram emfim felizes!
Não rojavam na terra a devorar raizes!
Comiam-lhe o seu pão! Custára-lhe trabalho!
Coitados! sempre assim, sem pão nem agasalho!...
Era uma vida atroz, ingrata, vil, escura!
Não tinham que comer, não tinham cobertura,
Tossiam tanto, á noite!.. Ah! Deus era um ingrato!
E os prantos, em roldão, caíam-lhe no prato.

MADRIGAL NA RUA

Ó irmã das açucenas !
Meu coração é um horto,
Semeado de mais penas
Que as chagas d'um Christo morto. .

Tanto é vêr-te o meu desejo !
Tanto em mim poder conservas !
Que eu creio se não te vejo
Já ser debaixo das hervas !

.....

Debaixo d'essas janellas
Sempre crueis e fechadas,
Hontem á noite, ás estrellas,
Deram-me quatro facádas.

Mas nenhuma fez no peito
O mal, — que, por minha cruz !
Os teus olhos me tem feito,
Dando facadas de luz.

A LUA MORTA

Almas sentimentaes e ingenuas do lyrismo,
que cantaes do luar a luz que vos confôrta,
— varrida por atroz, remóto cataclismo,
ha milhões d'annos já que a antiga lua é morta (1).

Ha milhões d'annos já que esse alvejante rastro,
que ella espalha nos céos e sobre o mar profundo,
não é mais que o lençol do cadaver d'um astro,
do espectro d'um planeta e o phantasma d'um mundo.

(1) As observações telescópicas feitas sobre este astro comprovam que elle é um globo esfriado, d'onde a vida desapareceu ha muito, devendo o periodo do seu resfriamento remontar a épocas «muito anteriores á apparição do homem sobre a terra». Como não tem atmosphaera, nem fluidos aquosos, não possui nuvens, nem rios, nem mares: — *não sóa ali o vento, nem música, nem especie de ruído algum.*

Ha milhões d'annos já que, em torno á nossa esféra,
o morto globo gira, errante, solitario,
como o vulcão d'um astro extinto e sem cratera,
— frio espectro de luz que arrasta o seu sudario!

Ha muito é morta já. — D'essas mansões sidéreas
onde paira, não ouve os ais que nos consomem
e a ruína estagnou-lhe o sangue nas artérias,
— muito antes de nascer o primitivo Homem.

Paira n'ella um atroz silencio d'orphanidade,
de sombra tumular, de marmore, de crypta.
Lembra as praças e os caes d'uma horrenda cidade,
varrida pela mão d'uma peste maldita.

Reina uma assolação sinistra, immovel, séria,
lá dentro. Faz lembrar este astro extinto e frio
a gélida extensão d'uma *steppe* funérea,
— sem trinos d'ave, flôr, bosque, nem voz do rio!

Que cataclismo atroz, que deus negro irritado
fez cahir sobre este astro o açoute dos furores?
— Quem transformou em pedra este astro fulminado?
— Quem gelou seus vulcões, serras, bosques e flores?

Que catástrofe antiga, ou negro deus perverso
este astro converteu em sombra inerte e fátua?
— Que latego, sem dó, fustiga esse universo,
e o faz errar nos céos—como uma branca estatua?

No meio dos rosas e dos myrtaes floridos,
que irrisoria emoção, que aos astros pouco importa,
nos faz erguer as mãos, chorando, enternecidos,
Para essa sombra vã—essa *cidade morta*?

E, no entanto, alma humana! eterna atormentada!
tu quizéras vêr perto a morta nau errante,
quizéras abordar á extranha nau geláda,
com seu porão sem voz, seus mastros de brilhante.

Tu quizéras cruzar—tu, a quem nada pasma!—
n'esse barco espectral, excentrico, sombrio,
que corta o azul dos céos como um batel fantasma,
ou sobre o mar do norte o espétro d'um navio.

Tu quizéras sarar as afflicções internas,
n'essa immovel região, sem ar, nem movimento,
n'esses bosques sem voz e noites sempiternas,
— onde não sópra um ai, nem folha, mar, nem vento!...

Tu quizêras, enfim, da Vida soluçante
ver quebrar-se o rumor n'esse silencio enorme,
e, como em vasta crypta os membros d'um gigante,
repousar n'essa paz immovel e uniforme.

Descança, Homem, porém!—Como uma vil lanterna,
morrendo, um dia, o sol regelará no Oriente,
e, n'esse cataclismo e horror da noite eterna,
— os tristes sorrirão e dirão:— *Finalmente!*

PALAVRAS A UM ENFORCADO

Guincháva o carnaval nas ruas da Sodoma
plantada á beira mar.—N'uma deserta praça,
suja de lama vil, tremoço, pós de goma,
ecoáva a rouca voz da ébria populaça.

Farroupilhas foliões, mascarados pandilhas,
salsas, vegétes, reis, semsaborões *chéchés*,
— que tinham ao bordel talvez vendido as filhas, —
rebolavam, cantando, em mil chinfrins cafés.

Era deserta a praça.—As arvores já núas,
mirrádas e espectraes, cobertas de geáda,
eram tambem banaes como essas púlhas ruas,
sem vida, graça, flor — como a turba avinhada.

N'uma arvore mais alta, á chuva e á ventaneira,
baloiçava no ar um tragico Narciso.
Tinha a lingua pendente e a negra cabelleira
cheia de pós tambem... no labio um máo sorriso.

Amarello, da côr dos claustraes pergaminhos,
jejuára talvez como as magras cadellas,
soffrêra privações, trilhára máos caminhos...
— mas tinha botões de oiro e luvas amarellas.

Seu riso era medonho e as maxillas cavadas
dos brumosos jejuns faziam um tregeito.
Tinha as calças em baixo immundas e esgarçadas.
— Ostentava, porém, uma camélia ao peito.

Especádo parei, suspendendo meus passos,
quasi prompto a chorar, quasi prompto a sorrir,
d'esse enforcado atroz, dos corvos aos abraços,
que faria talvez meditar Shakspeare.

E assim eu lhe bradei á rouca ventaneira,
e á chuva que molhava os pés dos seus cabelos,
e ao granizo mordaz que apedrejava a fria
carcassa do que fôra um dos *dandys* mais bellos :

« — Quem foste tu, ó filho original de uma éra
egoista e chatin, n'um tempo píffio e falso?..
Ou marquez ou ladrão, tu trepaste como a hera
do esgoto do lameiro a um banal cadafalso.

«Quem foste tu, infeliz?.. N'uma noite de entrudo,
empoado e a sorrir, depois de larga ceia,
depois de haver's vendido ou empenhado tudo,
preferiste a luz da lua á luz de uma candeia?..

«Mas que ruín luar!.. O vento, ás casquinadas,
zomba de ti, e a lama ennodou-te os botins.
—Tua noiva talvez pûla em salas douradas!
—Tuas irmãs, quiçá, em salsifrés chinfrins!

«Quem foste tu, infeliz?.. Foste o esturdio de fama,
que andaste de *landau* e em trem puxado a quatro,
e correste a empenhar os mãos lençoes da cama,
para ires de casaca e camélia ao theatro?..

«Ou serías —quem sabe! —o mallogrado artista,
que procura trepar, com gaudio e gentileza,
pela escada immoral de um século egoista,
—sem ter o audaz valor de uma estoica pobreza?..

«Mnitas vezes talvez disfarçaste a camisa
suja, em ricos *plastrons*. Empenhaste a agiôtas
o aureo medalhão da tua noiva Elisa,
ou pintaste com tinta as tuas rôtas botas?..

«Escreveste, febril, rêsmas de branco almassô,
o olhar erguendo ao céu na misera trapeira,
procurando escalar o alto Ideal no espaço,
e ouvindo chilrear a alegre costureira?..

«Quem foste tu inf'liz?.. Foste ladrão ou santo,
leitor de Michelet, ou bispo do Deboche?..
Semeaste o amor, o riso, a anciedade, o pranto?
—Abandalháste mais a loira Rigolbóche?..

«Viste Veneza á lua, aos ais das barcarólas,
quando escorre o luar sobre as lagúnas frias?..
Jogaste na roleta... e, ao som das castanholas,
osculáste á *manóla* as tranças lusidias?..

«Quem foste tu, charáda?.. Ou Hamleto ou Tartúfo?
Fadista, ou arlequim, ou salteador de estrada?
Quem és, ó morto atroz, grotesco como um buffo,
que serás ámanhã caveira esverdeáda?..

«A cabeça empoada, elegante, casquilho,
tregeiteando ao sabor dos tragicos nordestes,
— não sei se eu heide rir do teu faustoso brilho!
— não sei se heide chorar-te, ámanhã, nos cyprestes!

«Tu és symbolo vão de uma época impura,
em que tudo é mentira e em que tudo é tregeito,
e revelam-me toda uma tragedia escura
a tua rôta calça e essa camélia ao peito.

Todavia, — mão grado essa horrenda carêta,
que te dá o esgar de um burlesco truão,
mão grado os pós de gomma, a camelia, a sargêta,
— adeos, ó desesp'rado! . adeos, ó meu irmão!»

TERCEIRA PARTE

CARTEIRA DE UM FANTASISTA

LIBRARY

UNIVERSITY OF TORONTO

ANTES DE ABRIR A CARTEIRA

Aqui leitor socegado,
Velho burguez d'outras eras!
Depõe o livro de lado:
— Não leias estas chiméras!

Não corras esta carteira,
Meu velho amigo sem dentes!..
Em quanto geme a chaleira
— Sonha em teus mortos parentes!

Mas vós, amigos dos sonhos,
Dôces, mysticas violetas,
Castos selvagens tristonhos,
E solitarios poetas!...

Que amais as tristes paiságens
E as cousas mysteriosas,
A longa chuva, as viagens,
E as melodias nervosas...

Nas longas noites d'outono
Que o vento varre a poeira,
E a chuva bate — sem somno! —
Folheae esta carteira.

A NOITE DO NOIVADO

O primeiro conviva, em punho a taça,
Ergueu-se lentamente, e com voz rouca,
Bradou: Amigos! consentí que faça
Uma saude á Morte — a velha louca!

A minha historia é triste, extranha, e pouca!
Eu, como vós, sou filho da Desgraça.
Amei uma só vez. Que minuo e graça!
Oh! que pé andaluz! que olhar, que bocca!..

Na noite do noivado — ouvi, devassos!
Beijei-a doidamente entre meus braços,
E arrojé-a no mar, trémula e nua...

Ninguem não mais a gosará um dia!..
Repousa ali a minha noiva fria,
— Olháda pelo olhar frio da lua.

A TORTURA DAS CHIMÉRAS

Les édifices loquents...

MALZAO

Quantas vezes, nas noites pluviosas,
Ou nas limpidas noites estrelladas,
Como espectros de espinhos e de rosas —
Erguem-se em nós as cousas apagadas !..

Que vezes, n'esta vida positiva,
— N'esta comédia lugubre moderna —
Se eleva a outra esphera nobre e viva
Nossa alma mais poética, mais terna !

Os contornos das cousas despresadas,
Um fundo triste, um muro, umas ruínas
Um mosteiro, um luar — nas almas finas
São como umas celestes madrugadas.

Quem não terá jamais sentido um dia
As gostosas torturas do *mysterio*,
Surgindo, ao fundo, a mystica elegia
D'um nevado luar n'um cemiterio!..

Sim, n'estes climas lúcidos do Sul,
Tão propenso ás visões sentimentaes
E ás chimeras — quem não terá jámais
Tido a cruel *melancolia* azul?

Sim, quantas vezes n'uma tarde bella,
À dorida eloquencia d'um castello,
D'um sino, não pensei nos Ceus, *n'aquella*
Que eu podia partir como um cabello!

Nuvens distantes, rubras, singulares,
Fôrmas vagas... neblinas pardacentas,
Velhos musgos... azul... *cousas* nevoentas
Sois causas de phantasticos pesáres!

Quem não terá scismado em suas mágoas
E amado as *cousas* mysticas, celestes,
Por um luar calado sobre as aguas,
E um choroso sol posto entre os cyprestes!..

No entanto, sonhos vãos que nos prendeis
Qual prendem velho muro as verdes héras..
— É tempo brancas pombas que deixeis
Os laranjaes e as ruas das chimeras!

E é tempo que ás torturas assassinas
Que nos rasgam melhor do que um punhal,
— Bem o sabeis mãos brancas pequeninas!—
Vos não junteis *farrápos* do Ideal.

TARDE DE VERÃO

Trepam-lhe pelas janellas
Jasmins, cheirosas serpentes,
E soltam-se as bambinellas
Em pregas indifferentes.

Os lyrios que são uns ais
Suspiram melancolias...
Riem quadros sensuaes
Nas largas tapeçarias.

Sátyro ri nas florestas,
Nióbe soluça magoas,
E escuta-se, entre as giestas,
A voz rythmica das agoas.

E á luz dúbia dos ocasos
Ensanguentados do Sul,
As camelias dos seus vasos
Olham voltadas o azul.

Lá dentro das gelosías
Volteiam como desejos...
Perfumes, melancolías,
Como sardades de beijos.

Jaz ao pé do seu bordado
Um cofre de filigrana,
E um mandarim espantado,
Com olhos de procelana.

Uma violeta esfolhada
Chora um amor n'um jardim,
Uma vareta quebrada
Rí, n'um leque de marfim.

Nádam no quarto perfumes
D'oleos, pomadas cheirosas :
Um collar mostra os seus lumes :
--Vôam aves gloriosas.

N'um album perto olvidado
Ha uns idyllios d'amores,
E ao pé d'um Christo chagado
Morrem, nas jarras, flores.

Mas, pasmada, alheia a tudo
Junto d'um missal já velho,
Uma masc'ra de veiludo
Olha idióta no espelho.

Olhos vasio d'espanto.
Olha, olha, nada vê...
— Ri-se uma Venus a um canto.
— Um cravo murcha-lhe ao pé.

.....
.....
.....
.....

Assim eu sou moço velho.
E em minha alma, ó minha amada!
Como a masc'ra no espelho
Eu olho e não vejo... nada.

NA CABECEIRA D'UM LEITO

Quando as tuas mãos inermes
Forem em cruz sobre o peito,
E que te rôam os vermes,
—O' corpo branco e perfeito!

E sejas cheia de terra,
Boca cheia de risadas!
Chora este amor que me aterra,
Pelas noites estrelladas...

MADRIGAL EXCENTRICO

Tu que não temes a Morte,
Nem a sombra dos cyprestes,
Escuta, Lyrio do Norte,
Os meus canticos agrestes :

.....
.....
.....

Tu ignoras os desgostos
D'um coração torturado,
Mais tristes do que os soes postos,
Ou de que um bobo espancado!

Eu bem sei, ó musa louca
Que não conheces a mágoa...
E tens um riso na bocca
Como um cravo aberto n'agua.

Eu bem sei... bem sei que rís
Dos meus madrigaes modernos,
Sem cuidar, ó flor de liz!
Que hão de chegar-te os invernos...

Que nos corre a Mocidade,
Qual folha verde do val,
E ha de vir-te a tempestade,
O' branco lyrio real!..

Que has de ser como a açucena,
Varrida pelo nordeste,
E os prantos da minha pena
Que hão de regar teu cypreste!..

Que ha de a terra agreste e dura
Servir-te de ultimo leito...
E a Pedra da sepultúra
Quebrar teu corpo perfeito!

E has de, emfim, ser devorada
Na fria noite, entre os bichos...
O' tu que andas adorada,
Como as santas sobre os nichos!

— Eu bem sei que te não dóes
Do meu coração raládo,
E fazes aos rouxinoes
Paródias sobre o teclado.

Que amas vêr — como n'um drama—
O meu coração ferído,
Como um gladiador de fama,
Sobre um theatro vencido.

— Ah! mas eu que já estou velho,
Carcomido como a Cruz...
Digo adeus ao ceu vermelho...
E às boas tardes de luz!

.....
.....

Adeus, adeus, ó Amor,
Sinistra farça divina,
Mais sonoro que o tambor
De bohemia bailarina!

Adeus, adeus, ó outomno!
Vão-se as folhas amarellas!..
Sinto-me cair de somno,
Olhando para as estrellas.

Sigam todos os meus rastros!
Andei errado o caminho!
E sinto-me êbrio dos astros
Como um bebado de vinho.

Adeus, adeus, rôla amada!
Não chores a minha viagem...
Vou hospedar-me no Nada,
Como na boa estalagem.

Adeus, adeus, Mocidade!
Já chega o inverno do Mal!..
Vae despir-te a tempestade
Nevado lyrio real.

Chegou a noite fechada!
Adens tardes das janellas!
—Pintai-me agora no Nada
Sobre as tristes aquarellas!

AQUELLA ORGIA

Nós eramos uns dez ou onze convidados,
— Todos buscando o gozo e achando o abatimento —
E todos afinal vencidos e quebrados
No combate da Vida inutil e incruento.

Tocava o termo a ceia — e ia surgindo o alvor
Da madrugada vaga, etherea, crystallina,
A alguns trazendo a vida, e enchendo outros de horror,
Branca como uma flôr de prata florentina.

Todos riam sem causa. — A estólida batalha
Da Materia e da Luz travára-se afinal,
E eram já côr de vinho os risos e a toalha,
— E arrojavam-se ao ar os copos de crystal.

Cruzávam-se no ar ditos como facadas,
Escandalos de amor, historias sensuaes.
— Rebolávam alguns, no chão, ás gargalhadas,
Sujos como truões, torpes como animaes.

Um agitando o ar, com risos desmanchados,
Recitava canções, farças, Hamlet e Ophélia:
— Outro, perdido o olhar, e os braços encruzados,
De bruços, n'um divan, roía uma camélia.

Outros, fingindo a dôr, falavam dos ausentes,
Das amantes, dos paes, com gritos d'afflicção.
— Um brandia um punhal, com ditos incoherentes.
— Outro, sobre um sophá, ladrava como um cão.

Era um delirio atroz de risos pelos ares.
— Ah! mas eu, que só quero a paz dos vegetaes,
Feliz! então feliz! matava os meus pesares
N'aquelle ocio imbecil da pedra e dos metaes!..

Havia extincto em mim as ultimas scentelhas,
Julgava achar-me só n'aquelle frenesim,
Não sentia pungir as minhas mágoas velhas,
Feliz! muito feliz! — ai! descansava emfim!

Repousáva afinal da pállida batalha,
Espalhava-se em mim o grande esquecimento...
Cuidava achar-me emfim cingido da mortalha,
Ou minhas cinzas já dispersas pelo vento.

Quando um d'elles então — n'uma ironia rude,
E erguendo-se, de pé, na vasta confusão,
Com um rir bestial, erguen uma saúde
— *Aquella* que tornou-me em cinza o coração.

.....

— Ab ! seu nome cruel, de súbito lembrado,
De novo reabriu todas as minhas mágoas !..
E desfeito, de pé, senti-me transmudado,
Como um morto trazido á praia pelas aguas.

E como o morto errante ás luas silenciosas,
Ao vento, aos temporaes, ás algas das marés,
Trazendo inda a visão das noites tempastuosas,
— Todos calou o horror da minha pallidez.

E em lagrimas bradei, então: — Ó Infelizes !
Imbecís ! histriões ! heroes do Soffrimento !
Como haveis de fechar as vossas cicatrizes,
— Se nem aqui deixaes matar o pensamento !

O VISIONARIO OU SOM E COR

A EÇA DE QUEIROZ

I

Eu tenho ouvido as symphonias das plantas.

Eu sou um visionário, um sabio apedrejado,
Passo a vida a fazer e a desfazer chyméras,
Em quanto o mar produz o monstro azulejado
E Deus, em cima, faz as verdes primaveras.

Sobre o mundo onde estou encontro-me isolado,
E erro como estrangeiro ou homem d'outras eras,
Talvez por um contracto ironico lavrado
Que fiz e já não sei n'outras subtís esphas.

A espada da Theoria, o austero Pensamento,
Não matáram em mim o antigo sentimento,
Embriágam-me o Sol e os canticos do dia...

E obedecendo ainda a meus velhos amores,
Procurro em toda a parte a música das côres,
— E nas tintas da flôr achei a Melodía.

II

J'ai vu les Espèces et les Formes,
j'ai vu l'Esprit des Choses.

BALZAC. SERAPHTA.

Bem sei que a planta engana e a Natureza mente,
E que a flexa do Sol nos póde assassinar,
Que a Peste torna o azul sereno e resplendente,
E que a pérola sae das infecções do Mar.

Tudo é Materia, Força, e Lei omnipotente!
E enquanto o lyrio incensa e azula-se o luar,
Impassivel talvez, em baixo, surdamente,
A terra cria a flôr que me hade envenenar.

Bem sei!— mas, na floresta immensa das Theorias,
Eu amo divagar, ouvindo as melodias,
Que as plantas musicas dão aos astros e aos Ceus.

— Ah! eu vejo Jesus no coração das[rosas!
— Só eu oiço as leaes flôres melodiósas!
— E o lyrio é para mim a hóstia onde está Deus.

III

O vermelho deve ser como o som d'uma
trombeta...

Um cego.

Allucina-me a Cór!—A Rosa é como a Lyra,
A Lyra pelo tempo ha muito engrinaldada,
E é já velha a união, a nupcia sagrada,
Entre a còr que nos prende e a nota que suspira.

Se a terra, ás vezes, brota a flôr que não inspira,
A theatral camélia, a branca enfastiáda,
Muitas vezes, no ar, perpassa a nota aláda
Como a perdida còr d'algunha flôr que expira...

Ha plantas ideaes d'um cantico divino,
Irmãs do oboé, gémeas do violino,
Ha gemidos no azul, gritos no carmezim...

A magnólia é uma harpa ethérea e perfumada.
E o cacto, a larga flôr, vermelha, ensanguentada,
— Tem notas marciaes, sòa como um clarim.

IV

Mas aquella que adoro, a hierática duqueza,
Nobre como as reaes senhoras de Brabante,
Como a hei de pintar igual e semelhante,
Se não ha Som nem Côr em toda a Natureza!

Seu collo tem do lyrio a rigida firmeza.
Seu amor é um ceu cathólico e distante...
Mas a luz d'esse olhar sonóro e radiante
Eléva como a Côr, sôa como a Belleza!

Nunca lhe ousei falar, nem sei se amor lhe inspiro.
Mas quando emfim morrer, então, como um suspiro
Meu seio florirá, em vez do meu amor...

N'uma flôr que porá talvez sobre a janella.
Uma flôr rubra e negra, em forma d'uma estrella,
— Como uma symphonia obscura de terror.

MADRIGAL FÚNEBRE

Na mortalha alheia não temos mais que fazer.

— BERNARDIM RIBEIRO.

To die to sleep

SHAKSPEARE.

A ti, que os meus ais resúmes
 Estas quadras dolorosas,
 Corpo inundado em perfumes,
 E de pomadas cheirosas:

.....

A mim custa-me a morrer,
 —Não porque esta vida valha! —
 Mas porque sei que heide ter
 Teu coração por mortalha.

E depois d'estes abrólhos,
 Hei de ter a valla escura
 Do teu peito, e esses teus olhos
 Coveiros da sepultura.

Não terei pompas de pasmos,
Nem a estatua que lastima:
E hão de mandar pôr-me em cima
Uma cruz dos teus sarcasmos!

E para que a morte atteste
Epitaphio de bocejos,
— E, ao pé, erguido um cypreste,
Nascido dos meus desejos.

E ao escutar's as enxadas
No que morreu sem confórtos,
Serão tuas gargalhadas
As ladainhas dos mortos.

E então alli que me rôa
O verme dos teus olvídos,
E não tenha uma corôa
Dos teus cabellos fingidos.

.....
.....
.....
.....

Ó filha vã de Magdála!
Quanto cadaver desfeito
Não tens lançado na valla
Voraz e fria do peito? .

Quantas crenças enterradas!
E que mortos, sem capellas,
Sem pombas, nas madrugadas,
Nem os prantos das estrellas! .

DEBAIXO DE UMA JANELLA

A BATALHA REIS

FAUSTO E MEPHISTÓPHELES

FAUSTO

Nas noites brancas de lua
É que se abrem as janellas.
— Vem vêr, meus olhos escuros,
A sementeira d'estrellas!

Quem me déra a mim que fosse,
— Para te poder fallar, —
O teu peito uma janella,
E o meu amor o luar!

UMA VOZ (*cantando dentro*)

As estrellas mais brilhantes,
Entre as outras as primeiras,
São os prantos de Maria
E o suór das Oliveiras.

MEPHISTÓPHELES (*cantando n'uma guitarra*)

O nosso bom arcebispo
Perdeu a sobrepeliz,
Uma vez em casa d'uma . . .
São cousas que o povo diz.

FAUSTO

Eu era um rei poderoso,
Sem legiões, nem castellos,
Tendo a c'ròa de teus braços,
E o manto de teus cabellos !

Meu amor são os teus olhos,
Mais negros que a noite escura,
Dois trigueiros assassinos
Cavando-me a sepultura !

A VOZ (*cantando*)

Os rubins são umas pedras
Feitas de pingos de luz,
Foram as gotas de sangue
Dos roxos pés de Jesus.

MEPHISTÓPHELES

Escrevi o meu amor
No muro do coração...
N'uma noite de relento,
Com teus olhos de carvão.

FAUSTO

Por que estaes, sóes encobertos,
O' tristes olhos amenos!
Receias, ó minha esquivia!
Não te crestem os serenos?..

A VOZ (*cantando já ao longe*)

Quando subiu ao Ceu Christo
Depois da paixão da Cruz,
Subiu por vós, ó estrellas!
Que sois escadas de luz.

MEPHISTÓPHELES

Eu deixarei, ó trigueira,
D'amar tuas tranças negras...
Quando mandarem os sapos
Sonetos ás toutinegras.

FAUSTO

Fecharam-se as violetas
E dormem as andorinhas.
A mim ha muito que o somno
Desertou das noites minhas!..

O' bem amada das almas,
Tão avara de carinhos!
Acaso, nos teus canteiros,
Sómente crescem espinhos?..

(Affastam-se, e vão de braço dado.)

MEPHISTÓPHELES *(ao longe)*

O nosso bom arcebispo
Perden a sobrepeliz,
Uma vez, em casa d'uma...
São cousas que o povo diz!

A SELVAGEM

As vezes, como os grandes *fantasistas*,
Sinto o desejo intenso das viagens...
E ir sósinho habitar entre os selvagens,
Como, n'um êrmo, os ásperos trapistas.

As grandes, vastas, límpidas paisagens,
Que sabem vêr os immortaes artistas...
Teriam novos tons, novas imagens,
Longe do mundo aváro e as suas vistas!

Com uma virgem — flôr d'essas montanhas —
Entre os mil sons das arvores extranhas,
Dos coqueiros, bambús... fôra feliz!...

Dormiria em seus braços nus, lustrosos,
E ouviria, entre uns beijos voluptuosos,
—Tintinar-lhe as argollas do nariz,

A LANTERNA

A SALOMÃO SARAGGA

O sabio antigo andou pelas ruas d'Athenas,
Com a lanterna accesa, errante, á luz do dia,
Buscando o varão forte e justo da Utopía,
Privado de paixões e d'emoções terrenas.

Eu tambem, que aborreço as cousas vãs, pequenas
E que mais alto puz a sã Philosophia,
Ha muito busco em vão — ha muito, quem diria! —
O mais cruel ideal das concepções serenas.

Tenho buscado em balde, em vão por todo o mundo.
Esconde-se o ideal no sitio mais profundo,
No mar, no inferno, em tudo, aonde existe a dôr...

De sorte que hoje, enfim, descrente, resignado,
Concentrei-me em mim só, n'um tédio indignado,
E apaguei a lanterna — E' só um sonho o Amor.

ULTIMA PHASE DA VIDA DE D. JUAN

(AMOR DE COSINHA)

Afinal! D. Juan viria, hoje, a morrer d'indigestão.
(Palavras d'um grande realista.)

Cançado de vãos fogos de Bengalla,
Como Pansa, odeei o Pensamento,
E abandonei os ideaes de salla,
— Pelo amor da cosinha succulento!

E os meus fortes desejos sensuaes,
— Desejos que hão de dar na morte escura!—
Soluçam só, ó deuses immortaes,
— Só pela ama d'um florido cura.

Ella é o forte e o esplendido ideal!—
Seu cabello é mais fino do que o ouro,
E a sua voz mais bella que o metal,
— Ou os cantos cathólicos do côro.

Os seus labios vermelhos e discrétos
Lembram romãs das cercas clericæas,
E os seus olhos sombrios são mais protos
Do que o latim escuro dos missaes.

Se, acaso, o mundo nota-lhe alguns erros,
Compensa-os para mim com bons presuntos...
Os olhos d'ella fazem mais defuntos,
Dos que o padre acompanha nos enterros!

Fugiu de mim a vã melancholia!...
Ella é franca e risonha como a vinha...
E em quanto o padre está na sacristia,
Eu devóro-lhe as aves na cosinha.

—Mas, hontem, que eu fruindo o seu amor
Dormia, santamente, entre os seus braços,
Bateu, trágicamente, o bom prior,
E a escada rangeu sob os seus passos.

O coração pulsou-me, accelerado...
Ella quedou-se trémula, suspensa...
Mas conduziu-me a um sitio agasalhado:
—E dormí, toda a noite, na dispensa.

A ÚLTIMA CEIA DE FALSTAFF

Nunca mais me permite a sorte crua
Que ande ás portas batendo, tresnoitado,
Váe morrer, em um beco, abandonado,
O maior bebedor que olhou a lua!

Dos braços da creada seminúa
Nunca mais rolarei sobre o telhado,
E, ao relento, encherei, com passo errado,
De letras cabalísticas a rua.

Vae morrer, morrer sim, por seus castigos,
O estomago que foi mais forte e cheio,
Que na Páscoa ceou com Satanaz. . .

Cáe o rival dos bebados antigos.
O' toneis immortaes, abri-lhe o seio.
— São-me fataes as ceias de goraz! —

FALSTAFF MODERNO

In vino veritas

Quando eu morrer, ninguém lerá no craneo
Se eu fui mouro ou judeu.
Se presava o *cognac* ou o *Madeira*.
—Que soffrer foi o meu! . .

Ninguém dirá se era trigozeiro ou louro,
Se eu fui Pope ou Camões,
E os sabios não dirão, coçando a calva,
A côr dos meus calções.

Não saberão dizer se foi a pipa
O hotel em que vivi,
Ou se fazia sol ou aguaceiros
No dia em que nasci.

Se, apóz a doida orgia, o meu enterro
Pela manhã, sair,
Tu virás á janella, bocejando,
E em coifa de dormir.

E não conseguirás verter um pranto
Da tez no teu setim...
Em quanto os gordos padres irão lentos,
Ressonando em latim.

Os annos jogarão com os mais craneos,
E o meu magro esqueleto,
Uma especie do jogo das caveiras
Dos coveiros do Hamleto.

Ninguem, mulher, dirá que *funda mágoa*
Minou meu coração.
E eu mandarei pôr, por epitaphio:
— *Maldita indigestão!*

Mas que ideas tão negras! . . O que importa
Rôa a terra mais um!
Depois da morte, o nada. — O' minhas lagrimas,
Não me estragueis o *rhum!*

NA RUA

Vejo-a sempre passar séria, constante,
—A's vezes, inclinado na janella,—
Tranquilla, fria, pallido o semblante,
Como uma santa triste de capella.

Seu riso sem calor como o brilhante
No nosso labio o proprio riso gella,
E ella nasceu para chorar deante
D'um Christo, n'uma estreita e escura cella.

Seu olhar virginal como as creanças,
Jámais disse do amor as cousas mansas,
Jámais vergou da Força ao choque rúde...

Abraza-a um fogo divinal secrêto.
E eu sinto, mal a avisto, ao seu aspecto,
— O odio intenso e negro da Virtude.

PHANTASIAS DA LUA

Terret, lustrat, ag't, Proserpina, Luna, Diana,
Ima, supœrnas, feras, sceptru, fulgore, sagitta.
(*Dístico de Hieronim*)

Hontem fui atravez dos arvoredos,
— Os bons carvalhos épicos rugosos! —
Com *ella*, como dois novos esposos,
— E a lua então contou-nos mil segredos.

Ella vinha estreitada contra mim,
E atravez das veredas seculares,
Dava a lua umas sombras singulares,
A' sua alva botinha de setim...

Não havia estatuas nas veredas,
—As estatuas crueis entre as ramagens! —
E ouvia-se o ranger das suas sedas
Sobre as folhas,—seguinto-a como uns pagens.

Tremia todo unido contra o meu,
Como uma ave, seu braço palpitante,
E era vago, qual música distante,
O azul nocturno mystico do Ceu.

De vez em quando unia contra á minha
A sua mão mais branca do que um cirio,
E, como um casto amante uma rainha,
Seguia, atraz do seu vestido, um lyrio.

As fontes tinham agoas de brilhantês,
E em quanto a sua voz vibrava em mim,
Eu fitava olhos ávidos, amantes,
Na sua alva botinha de setim.

Ella é fragil e timida. Ama as rosas,
Crê nos sonhos, *visões*, nos malmequér's,
E chora com as musicas nervosas
Como as debeis e hystêricas mulher's.

No emtanto, mais ninguem do que eu receia
Seus pobres, frageis nervos delicados. . .
Ninguem mais me seduz do que a sereia,
Correndo a mão fransina nos tecládos.

Iamos assim, falando d'escudeiros,
Paladins, lendas, dramas, toda a escura
Edade media, em quanto, na espessura,
Os rouxinões cantavam nos loureiros.

Mas eis que pára . . . e diz-me de repente,
Cravando-me o olhar tragico, sublime:
— Mata-me um dia! — E eu li perfeitamente,
Em seus olhos azues *o amor* do Crime.

Mata-me tu, cruel! disse-lhe eu rindo,
Em quanto o seu olhar cravava em mim,
E enterra-me depois n'um sitio lindo,
— N'um loureiro que cresce em teu jardim!

Minha alma alli será perto da tua,
Como as almas irmãs, gracil sereia . . .
E eu tremerei, nas folhas, pela lua,
Ao sentir teus pésinhos sobre a areia!

Manda pôr o meu corpo em sitio lindo,
Debaixo d'um loureiro, em teu jardim . . .
Meu bem! Máta-me tu! disse-lhe rindo:
— Ensanguenta as botinhas de setim!

.....
.....
.....
.....

E eis aqui como, em noites amorosas,
N'estes bons climas callidos do Sul,
Produz sonhos, *chiméras* fallaciosas
A *triforme* inmortal — a lua azul.

O SELVAGEM

A SILVA PINTO

Eu não amo ninguém. Também, no mundo,
Ninguém por mim o peito bater sente.
Ninguém entende meu soffrer profundo.
E rio, quando chora a demais gente.

Vivo alheio de todos e de tudo,
Mais callado que o Esquife, a Morte, as Lousas,
Selvagem, solitario, inerte, múdo,
— Passividade estúpida das Cousas.

Fechei, de ha muito, o livro do Passado,
Sinto em mim o desprezo do futuro,
E vivo só commigo, amortalhado
N'um egoismo barbaro e escuro.

Rasguei tudo o que li. Vivo nas duras
Regiões dos glaciaes indifferentes.
Meu peito é um covil, onde, ás escuras,
Minhas penas calquei, como serpentes.

E não vejo ninguém. — Saio sómente
Depois de pôr-se o sol, deserta a rua,
Quando ninguém me espreita, nem me sente,
E, em lamentos, os cães ládram á lua...

O AMOR DO VERMELHO

(NEVRÓSE D'UM LORD)

A idéa de teu corpo branco e amado,
Belleza esculptural e triumphante,
Perségue-me, mulher, a todo o instante,
— Como o assassino o sangue derramado!

Quando teu corpo pallido, beijado,
Abandonas ao leito — palpitante,
Quem jámais contemplou, em noite amante,
Tentação mais cruel, tom mais nevado?

No emtanto — duro, excentrico desejo!
— Quizera, às vezes, que a dormir te vejo,
Tranquilla, branca, inerme, unida a mim!

Que o teu sangue corresse de repente,
Fascinação da Cór! — e extranhamente,
Te colorisse, pallido marfim.

A UM CORPO PERFEITO

Nenhum corpo mais lacteo e sem defeito,
Mais róseo, esculptural, ou femenino,
Póde igualar-se ao seu branco e divino
Immovel, nú, sobre o comprido leito! —

Nada lhe eguála! — O ferro do assassino
Podia, hoje, matal-a, que o meu peito
Seria o esquite embalsamado e fino
D'aquelle corpo sem rival perfeito.

Por isso é muito ativa e apetecida.
E o goso sensual de a vêr vencida
Ha-de ser forte, extranho, singular...

Como o das cousas dignas de castigo,
— Ou qual amante sacerdote antigo,
Derrubando uma deusa d'um altar.

CARTA AO MAR

Ó ondas fugitivas...

CAMÕES

Deixa escrever-te, verde mar antigo,
Largo Oceano, velho deus limoso,
Coração sempre lyrico, choroso,
— Eterno visionario, meu amigo!

Das bandas do poente lamentoso,
Quando o vermelho sol vae ter contigo,
— Nada é mais grande, nobre, doloroso,
Do que tu, — vasto e humido jazigo!

Nada é mais *triste*, tragico, profundo.
Ninguem te vence ou te venceu no mundo,
Mas tambem, quem te poude consolar?..

Tu és Força, Arte, Amor, por excellencia.
E, comtudo, ouve-o aqui, em confidencia:
— A Música é mais triste inda que o Mar.

A LENDA DAS ROSAS

No principio, eram mais doces os olhares
— Socegados de Deus.

Era mais verde o manto d'estes mares,
E mais azues os ceus.

Não tinha nuvens este sol na rôta,
Nem tormentas o Sul.

Nem era, como o olhar d'um idiôta,
Impassível o Azul.

Não choravam no val escuros casos,
À noite, os tristes ventos!...

Nem eram, como hoje, nos occasos,
Os ceus sanguinolentos.

Deus não tinha vibrado ainda o açoite
A gerações inteiras.

Nem o Christo suára a longa noite
No Jardim d'Oliveiras.

Não andavam os tristes miseráveis
Torcendo os braços nús...
Nem erravam na treva, inconsoláveis,
Os Expulsos da Luz.

E não haviam sangue ainda chorado
Os santos nos desertos...
Nem, no craneo do morto esverdeado,
Inda lyrios abertos!

Não pisára inda um pé selvas umbrosas
E florestas bastas.
Os mares eram mansos, — sempre as rosas
Eram brancas e castas.

Não era, côr de sangue, assim vestida
Inda a rosa vermelha.
Nem o Ceo tinha a côr desvanecida
D'uma túnica velha.

.....

Toda uma noite, a Mãe primeira, errante
E todo um dia andou. —
Da noite a branca luz de diamante
Os passos lhe guiou.

E abandonavam seus pombaes as pombas,
Seguindo-a pela estrada...
E o mar dizia ao vento:—Porque zombas?
Pobre mãe desgraçada!

E as montanhas choravam:— pois podéram
Prantos de mãe fendel-as!
E toda a noite pelo ceu correram
Mais tristes as estrellas.

E o mar tinha uma voz dorida, como
Na noite de Salem.
E quando o sol nasceu, em rubro assomo,
Arrastava-se a Mãe.

E perguntava, ao vento: Onde está elle?
— Quem o meu filho viu?
E o vento respondeu:—Não sei d'Abel!
E o mar, ao fim, carpiu.

E arrastava-se assim no fim do dia...
Já quando, toda exangue,
Uma roseira avista, que tingia
A côr rubra do sangue.

Então, dorída estatua, — hirtos os passos:

«Ai de mim! ai de mim!»

Gritou, convulsa a Mãe, torcendo os braços,

«—Aqui passou Cain!»

No principio, eram mais doces os olhares

Socegados de Deus.

Era mais verde o manto d'estes mares,

E mais azues os ceus.

E a Rosa era só *branca*, pura, exangue:

— Pois que, como hoje, assim,

Não jorrára sobre ella ainda o sangue

Que derramou Cain.

NO ENTERRO D'UM CORAÇÃO

A BETTENCOURT RODRIGUES

Vaes a enterrar, nas hervas verde-escuras,
Na fria terra, ó santa, que devias
Não ter roçádo estas paixões impuras,
E estas lépras, — irmã das cotovías !

Vaes a enterrar sob as folhagens frias,
— Voz alegre, rir cheio de doçuras !
O' lindo coração ! que só te abrias
Para a dôr das albeias amarguras !..

Vão-te levar á terra, ó casto e amádo ! —
Mas olha ! — os vegetaes teem mais cuidado
Dos seios virginaes do que a paixão ...

Adeus, triste !.. Adeus peito amante e ardente !
— Quem me dêra contigo, juntamente,
Ir tambem a enterrar, ó coração.

A JOVEN MISS

Tocar que impio se atreve !...

(*Campo de Flores,*

Ella é tão loura, lyrica, franzina,
Tão mimosa, quiêta, virginal,
Como uma bella virgem d'um missal,
Toda dourada, e preciosa, e fina.

Não ha graça mais casta e femenina
Do que a d'ella! — Seu riso angelical
Cria em nós todo um mundo de moral,
Melhor que tudo o que Platão ensina!

Por isso, e, pela sua castidade,
Deve ser goso intenso, na verdade,
Sentir fundir-se em nós seus olhos régios...

E o goso de a beijar, trémula, amante,
Deve ser quasi extranho! — e semelhante
Ao de fazer terriveis sacrilégios.

O DOENTE ROMANTICO

Eu sei que morrerei, discreta amante,
Antes do inverno vir... mas, lentamente,
Quero morrer á tua luz radiante,
Como um tísico, á luz do sol poente!

Sou romantico assim!.. O tempo ardente
Das chiméras vae longe! Só, constante,
Morrerei crendo em ti... e o azul distante
Olhando como um sabio ou um doente!..

— Mas, eu não préso a tarde ensanguentada,
Nem o rumor do Sol! — quero a caláda
Noite brumosa junto do Oceano...

E assim, sem ai, nem dôr, entre a neblina,
Morrer-me, como mórre a balsamína,
— E ouvindo, em sonho, os ais do teu piano.

QUADRA D'UM DESCONHECIDO

Eu morrerei, ó languida trigueira!
Sem sentir teus cabellos sobre mim...
Coroádo dos lumes da poncheira,
— Sobre o chão immoral de um botequim!

EM VIAGEM

Ia o vapôr singrando, velozmente,
O verde mar antigo e caprichoso...
À rude voz do capitão *Contente*,
— Um rubro homem do mar silencioso.

Demandava a Madeira, — a ilha bella,
A patria excelsa e cèlebre do vinho.
A viagem foi curta — e no caminho
Intentei relações com *Arabella*.

Arabella era a lyrica ingleza,
Loura, pállida, e fragil como um vime,
Que traz sempre a sua alma meiga presa
D'algum amor profundo, mas sublime.

O londrino, — o Antony d'estes amores,
Era um rubro e excentrico burguez,
Mais amigo do bife que das flôres,
— A extravagancia de chapéu inglez.

Seu olhar dúbio, incerto, traiçoeiro
Tinha visões de sangue derramado
Em toda a parte, ao todo um ex-banqueiro,
— Um calvo, velho amigo do Peccado.

Nunca o olhar fitava em sitio certo.
Vogava, ás vezes, só no tombadilho,
Com um comprido e merencório filho,
E ninguém viu-lhe um riso franco e aberto.

Punha, ás vezes, no mar o olhar sombrio:
E, ao vento, a fita branca do chapéu
Dir-se-hia a vella triste d'um navio
De naufragos, n'um lúgubre escarceu!..

— Mas comtudo, a ingleza, a triste amante,
Com seus longos e louros caracões,
Fitava, ás vezes, no azul distante,
Os seus olhos astraes como dois soes.

E, mau grado andar languida, doente,
Ser branca, loura, e frágil como um vime...
— Um sábio léra-lhe a attracção ardente
Pelas virís fascinações do crime.

NOITES DE CHUVA

Eu não sei ó, meu bem, cheio de graças!
Se tu amas no Outomno — já sem rosas —
A longa e lenta chuva nas vidraças,
E as noites glaciaes e pluviosas!..

N'essas noites sem luz, que — visionarios —
Temos chyméras místicas, celestes,
E scismamos nos pobres solitarios
Que tirítam debaixo dos cyprestes!..

Que evocamos os lyricos passados,
As chyméras, e as horas infelizes,
Os velhos casos tristes olvidados,
E os mortos corações sob as raizes!..

N'essas noites, meu bem, em que desfeito
Cáe o frio granizo nas estradas,
E tanto apraz, sonhando, sobre o leito,
Ouvir a longa chuva nas calçadas!..

N'essas noites, electricas, nervosas,
Todas cheias d'aromas outonaes,
Que a tristeza tem formas monstruosas,
Como, n'um sonho, os pórticos claustraes.

Noites só em que o sabio acha prazeres,
— Tão ignorados dos crueis profanos! —
E em que as nervosas, mysticas mulheres,
Desfallécem, chorando, nos pianos.

N'essas noites, meu bem! é que os poetas
Teem ás vezes seus sonhos mais brilhantes,
Folheiam suas obras predilectas...
— E evócam rostos... e visões distantes!

IDYLIO MERIDIONAL

Sem ti, vejo o meu futuro
Um horto cheio d'abrolhos! —
Ah não me deixem teus olhos
Por este caminho escuro!..

No inverno, as candidas aves
Abandónam os pombaes...
Meu bem, teus olhos suáves
Não me desterrem jámais!

Quando á tarde o ceu flammeja,
Junto de ti encostado,
Que vezes, não tenho inveja
Da agulha do teu bordado!..

Eu quizera a toda a hora
Contar-te, ó sol, os meus dias,
Como os sonetos que á Aurora
Enviam as cotovias.

—O' labios que pedem beijos!
—O' brancas mãos delicadas!
Vôam a vós meus desejos
Quaes pombas ensanguentadas!..

O' rival das açucenas!
Nenhum punhal faz no peito
As chagas que me teem feito
Essas tuas mãos pequenas!

E, comtudo, o amor só dura
Entre as lagrimas da mágoa,
— Como uma violeta escura,
Que se morre á mingoa d'agoa!

Um horto todo d'abrolhos
Sem ti, será meu futuro.
Ah! não me larguem tens olhos
Por este caminho escuro!..

DUAS QUADRAS DE DIOGENES
NO ALBUM DE LAIS

Quando, no meu, o teu olhar se esquéce,
A minha alma, mulher! é como um urso
Que dança pelas feiras e obedêce
Ao magro saltimbanco e ao seu discurso.

E os meus velhos desejos violentos
Solúçam — histriões esfomeádos! —
Como os gatos nocturnos, friorentos,
Que miam, lamentosos, nos telhados.

A CAMÉLIA NEGRA

Por isso vos espera
O dia da vingança!

SOLZA CALDAS

Como as urnas das rosas mal fechadas,
Cujos aromas boiam no poente,
Quando passas, nossa alma aspira e sente
As sensações das ilhas ignoradas.

E o teu cabelo, ó lubrica serpente!
Rescende todo a unguentos e a pomadas,
Como as múmias que habitam no Oriente,
Debaixo das pyramides sagradas.

Mas que te serve e val' tanta fadiga,
O' pó doirado e vão?.. e o mundo diga:
Meu leito, meu pomar de sensações!..

Se o vento que hoje o teu sorrir perfuma
Na tua cruz gargalhará: — Mais uma
Das lobas maternas das gerações!

A ÚLTIMA SERENADA DO DIABO

No tempo em que *Elle*, nas lendas,
Era amante e cortezão,
Jogava, e tinha contendas,
Cantava assim em Milão:

.....
.....
.....
.....

O' flôres meigas, ó Bellas!
Para prender os toucados,
Eu dar-vos-hei as estrellas:
— Os alfinetes dourados!

Só pelo amor qu'ébro lanças! —
A Rainha de Navarra
Enleou um dia as tranças
No braço d'esta guitarra!

Sou um heroe perseguido!..
Mas inda ha luz nos meus rastros.
A lança que me ha ferido
Foi feita do ouro dos astros.

Mas um dia, ó bem amadas!
Eu tornarei ás alturas...
Subindo pelas escadas
Das vossas tranças escuras!

O amor que em meu peito cabe
Não conta diques, ó bellas!
Só minha guitarra o sabe,
E aquellas velhas estrellas!..

Ó batalhas amorosas!
— Vida d'aventuras cheia!
Ó brancas noites saudosas
Que eu andei pela Judéa!

—Ó flôres apeteçadas!
—Livros escriptos com beijos!
—Ó brancas aves fugidas
Dos jardins dos meus desejos!...

Não me deixeis no abandono,
Ó tristes olhos leaes!..
Como as pombas, no outomno,
Que abandonam os pombaes.

Que fosse eu crucificado
N'alguma bem alta Cruz,
— E vos tivesse a meu lado,
Como vos teve Jesus!..

Esses olhos me consómem!..
Mas, Mulher, da lueta ao cabo,
Se perdeste o antigo Homem,
— Tu matarás o *Diabo*.

A MUSA VERDE (1)

Il apellait l'absynthe sa « Muse verte. »

(*Les derniers bohêmes*)

Io vidi, già al cominciar del giorno,

La parte oriental del ciel tutta rosata.

DANTE.—*Purg.*

Infelizes! — os sujos, verdes limos,
Que vezes! não tem visto os afogados
Corações, tantas vezes sobre os cimos
Do Ideal... e que o Vicio tem marcados!

Quem os leva por esses vis atalhos
Do Desespero, a Fome, o Suicídio,
Ao verde absintho e aos sórdidos baralhos!
—Elles que leram Dante, Homero, Ovidio?

Quem os conduz? — A hostile fatalidade
É quem os leva ás pérfidas ciladas...
E é tal secreta e livida deidade
Quem lhes esmaga os craneos nas calçadas?

(1) Esta poesia só tem referencia ao estrangeiro: Hespanha, Italia, e principalmente França. Em Portugal, o absyntho não faz estragos.

Quem, pois, os empurrou um dia — e disse:
— Aquéce o Alcool... mais que o Paraizo!
E, nas cavadas faces da velhice,
Gelou-lhes, sempre, imbecilmente, o riso?

— Quem foi? Quem é que arrasta, eternamente,
A velha e a nova geração que perde
O seu calor, seu sangue, febrilmente,
Aos braços infernaes da *Musa Verde*?

A Miseria — a irmã velha do Peccado,
— E o Luxo, o Mal, — tão negros conselheiros!
São quem os faz, no asfalto abandonado,
Ver apagar, com dia, os candieiros?..

Ou será, tambem, — goso triste insano
Da alma escura!... e nova podridão
Do homem de hoje, *blazé* como um tyrano:
— De se sentir boiar na perdição?

IDYLIO D'ALDEIA

Oh! que harmonia!
Cadente, s'esvoaça, pela fresta
D'um visinho postigo!..

Hosia d'ouro.

Não sei que ha que me impelle
Para o teu escuro olhar!..
E' mais branca a tua pelle,
Do que o linho de fiar.

E' tua bocca um botão,
E o teu riso a lua nova.—
Quem me dêra ter na cova
Os *ais* do teu coração!

Mal pôdes saber o gosto
Que tive da vez primeira,
Que te avistei, ao sol posto,
Debaixo d'esta amoreira!..

Desde esse dia, andorinha!
Desde essa tarde infeliz,
Fiquei preso na *covina*,
Que fazes quando te rís!

Não sei que ha que me impelle
Para o teu escuro olhar! . . .
E' mais branca a tua pelle
Do que o linho de fiar.

A minha alma não descança: —
Morra o sol, ou surja a aurora,
Só tu me lembras, *creança*,
De cabellos côr d'amora!

A tua dôce ignorancia,
Tão cheia de *singelas* . . .
Faz todas as almas presas,
Como as perguntas da infancia!

Tu és como um pomo d'ouro,
E o vivo sol que me alégras.
— Amo mais teu rir sonóro
Que o cântar das toutinegras! . . .

Quando eu fôr a enterrar,
N'algum dia, ao pôr do Sol,
Quero levar por lençol
A estolla do teu olhar.

.....

— Mas tu só vives cantando! —
E ao vir da fonte com agua,
Mais sentes que estou penando,
Mais te ris da minha magua!..

Ah! nunca eu tivesse o gosto
Que tive da vez primeira,
Que te avistei, ao sol posto,
Debaixo d'esta amoreira!..

CARTA ÀS ESTRELLAS

Ninguem soletra mais vossos mysterios,
Grandes letras da Noite! sem cessar...
O' tecidos de luz! rios ethéreos,
Olhos *azues* que amolleceis o Mar!..

O que fazeis dispersas pelo ar?..
E ha que tempos ha já, fogos sidérios,
Que ides assim, como uns brandões funéreos,
Que levaeis o Deus Padre a sepultar?

Ha que tempos, dizei! — Ha muitos annos?...
E, com tudo, astros santos, deshumanos,
A vossa luz é sempre clara e igual!..

Ha muito, que sois bons, castos, brilhantes.
— Mas, tambem... ó crueis! sempre distantes,
Como dos nossos braços o Ideal.

NA FOLHA D'UM LIVRO

Uma é a fôrma ideal do triste anjo vencido.
— Á outra, a dôce luz diaphana da manhã.
E, entre ellas, chora e diz meu coração perdido :
— Em mim vencerá Deus, ou ganhará Satan ?

OS BRILHANTES

Não ha mulher mais pállida e mais fria,
E o seu olhar azul, vago, sereno,
Faz como o effeito d'um luar ameno
Na sua tez que é môrbida e macia.

Como *Levana*... esta mulher sombria
Traz a Morte cruel ao seu aceno,
O Suicidio e a Dôr!.. Lembra do Rheno
Um conto, á luz crepuscular do dia.

Por isso, eu nunca invejo os seus amantes.
— E em quanto, hontem, gabávam seus brilhantes,
No theatro, com vistas fascinadas...

Tortura das visões incômprensiveis!
Em vez d'elles, cri vêr brilhar — horriveis
E verdadeiras lágrimas geladas.

O ASTROLOGO

Quem tem ouvidos que ouça.

Quem tem ouvidos que ouça, e o velho mundo
Que o aprenda de cór, pois que o que digo
E' fructo d'um estudo egregio e fundo,
Como a sciencia d'um Chaldeo antigo.

A Terra ha muito que é um charco immundo,
Vencida eternamente do Inimigo,
E ha muito lhe prevejo um fim profundo,
E um tremendo e tragico castigo.

Ora, hontem á noite, fui a um monte
Muito alto — e eis que avisto no horizonte
Dez signos, como em longa procissão. . .

E esses signos, a mim que sou vidente,
Tinham fórmãs de letras, claramente :
— E n'essas letras li **DESTRUIÇÃO.**

NEVROSE NOCTURNA

- Bella! dizia eu, como um navio á vella,
para um paiz polar, por um silencio amigo.
—Bella! como uma estatua e gélida como ella.
—Bella! dizia eu, como um sepulchro antigo.

Bella! dizia eu, agil como um jaguar,
assim me inspire o Fado e Satanaz me deixe!
Bella! dizia eu, fria como o luar
sobre o dorso lusente e excepcional d'um peixe.

Bella! dizia eu, como uma meza lauta
para um festim pagão: a Fôrma, o Som, e a Cór.
Bella! dizia eu, como nocturna flauta,
desfiando, no mar, a ladainha — Dôr.

Bella! dizia eu, fria como o marfim.
Bella como um caládo e longo cemiterio,
em que se vê vagar, como no seu jardim,
o coveiro, ao luar, vegetativo e sério.

Bella! como um perdão ao pé do cadafalso.
Bella! como o iuzir do orvalho nas seáras.
Nevada como um pé curto, branco, descalço,
fugitivo atravez das grandes hervas claras.

Bella! como o sentir as espiraes do gozo
n'um fundo sensual de sombras perfumadas.
Bella! como, aos clarões d'um ceu calamitoso,
as plantas tropicaes, direitas como espadas.

Bella! como os portaes e as torres ao abandono
saxónias, que entreviu Anna Radcliffe.
Bella! e solemne, sim, como o tranquillo somno,
d'um perfil virginal, na sombra d'um esquite!

Bella! como um espelho esphérico, polido,
aonde collos nós lusem pallidamente.
Bella! como o sentir a seda d'um vestido
arrastar, como arrasta a cauda da serpente.

Bella! como o sorrir vermelho d'um rainunculo.

Bella! como uma flôr aquática do Mar.

Bella! como na treva o brilho d'um carbunculo.

Bella! dizia eu, como um azul polar.

Bella! como a expressão das notas de Méhul.

Bella! como uma flôr n'um muro de cadeia.

Bella! como a soubar, sobre um divan azul,
fumando, perseguir a nebulosa Idéa.

Bella! dizia eu, como uma Feiticeira
da Thessalia, evocando a ensanguentada lua.

Bella! como, no outomno, a luminosa esteira
azulada e sem fim d'uma comprida rua.

Bella! como arrendado e flammejante altar,
onde se vão unir os corações dos noivos.

Bella! como o silencio algente e tumular,
em que se escuta, ao fundo, o germinar dos goivos.

Bella! dizia eu. . . Mas, n'isto, sobre o leito,
em que scismava assim, voltou-se, levemente,
a invencivel mulher que me inflammava o peito.
E os meus olhos no quarto erráram novamente.

E foram-se cravar n'um pente de metal,
e as várias coisas mil que, ao baço candeeiro,
vinham-se reflectir sobre um espelho oval
destacando da côr branca do travesseiro.

E, então minha nevróse armou um largo cinto
de monstros colossaes, fatidicos de vêr!
á hora em que o burguez profunda o labyrintho
das mil complicações do *deve* e do *ha-de haver*.

Desfilava-me em torno um batalhão medonho
de monstros anormaes, d'escamas reluzentes.
Tomavam Som e Côr as proporções do Sonho.
— Olhavam-me animaes d'olhos surprehendentes.

Bella! dizia, eu, por todas as potencias
celestes, infernaes, terrestres e de horror!
Bella! concordo eu, cheia de transparencias:
mas sem um grande *quid*. . . a crispação da Dôr!

Sim, a Dôr, sem a qual a argilla humana passa,
sem um rasto deixar na vasta natureza:
— a Dôr, gamma final na música da graça:
— a Dôr, ultimo tom na escalla da Belleza:

a Dôr, fôco, onde vão reconcentrar-se as côres
do vivo sol do Amor despótico e cruel:
— o perfume subtil que complêta as flôres:
— a volúta ideal que beija o capitel.

Por isso, eu quero vêr como o seu bello rosto
se crispa, á sensação extranha do meu braço:
e quero, na tenaz sinistra do Desgosto,
fazel-a resaltar como uma mola d' aço!

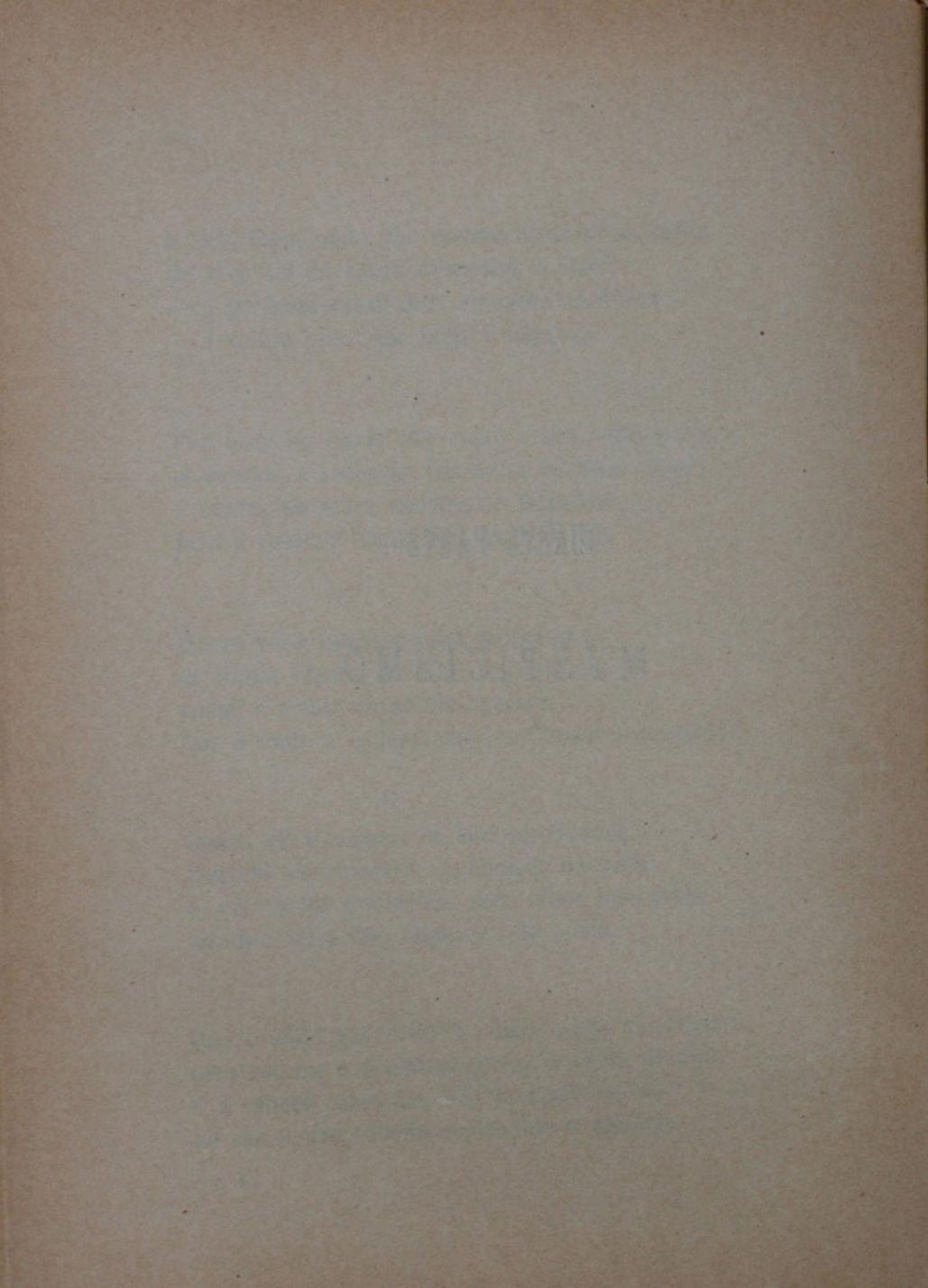
Quero vêl-a quebrar essa monotonia
de linhas ideaes, divinas, impassiveis:
coagil-a a sair da gélida apathia,
que é como a estagnação das Cousas Insensiveis.

Quero vêl-a tremer, os labios roxeádos,
fazendo exclamações euphónicas na salla:
e, em varias gradações, seus olhos injectados
terem a fulva côr chimérica da opála.

Quero sim! quero vêr!.. Mas, n'isto rudemente,
prostrou me o plumbeo somno invicto, pesádo,
e a cabeça cahiu-me, ah! invencivelmente!..
nô seu negro cabello esplendido e azulado.

QUARTA PARTE

MYSTICISMO



DEDICATORIA

Este livro é dos poetas
E mais de vós — pombas minhas!
— Podeis-me lêr, violetas!
— Podeis-me lêr, andorinhas!

OS DEUSES MORTOS

À MEMÓRIA DE J. M. FERNANDES

Parce diis

Eu nunca os insultei!.. Se estão enfim vencidos
Silencio! Cubra luto a natureza inteira!
Núvens, dilacerae os pállidos vestidos!
Verte gôtas de sangue, ó flôr da lorangeira!

Onde estaes, onde estaes! — Extactica palmeira,
Viste acaso passar os grandes foragidos?
Onde estão Zeus, Jesus?.. Velhos cedros erguidos!
Núvens, ventos e mar; guarda sua poeira!

Deixae-os descansar! — Luzentes mariposas,
Cuidado! não piqueis o coração das rosas!
Lavrador cava a terra, a terra, devagar!..

Silencio! Orpheu, Jesus, dormem no seu mysterio.

— A Natureza é toda nm vasto cemiterio.
Eu nunca os insultei! — Deixae-os repousar!

DEBAIXO DAS HERVAS

Podesse ir eu, contigo, que m'encantas
Como um vinho, no pó da terra dura,
Dormir ambòs na mesma sepultura,
Entre os braços das hervas e das plantas?..

Dormir no mesmo leito, e a mesma cóva
Sentir os nossos pallidos abraços,
De noite, quando branca nos espaços,
Nas hervas desmaiasse a lua nóva.

E aquellás tristes coisas que disséram
Os meus olhos nos teus, adormecidos,
Dizel-as outra vez, já confundidos
Na poeira d'aquelles que morreram.

Sentir, meu bem, de novo, as tuas tranças,
Com que tu, tantas vezes, me vestiste,
Enlaçarem-me ainda à hora triste
Em que os astros reluzem como lanças.

E entre as ervas da terra e os acres cheiros
Dos cyprestes, dizer as coisas mil,
Que dizíamos, ó triste! quando abril
Fazia colorir os teus canteiros.

E debruçada estavas, á janella,
Nas horas religiosas do poente,
Como a mãe que, anciosa e dôcemente,
Espreita, no horisonte, a amada vella.

E quando íamos, depois, as nossas mágoas
Contarmos, pelo espesso das folhagens,
Cabellós desmanchados nas arágens,
E entre as vozes das folhas e das aguas...

E todas essas cousas que me dizes,
Quando estás debruçada na costura,
E que inda nunca ouviu a terra dura,
— E que chorar fariam as raizes!..

E eu quizera que o lenho do cypreste,
— Marco escuro da terra que nos come! —
Enlaçado tivesse o nosso nome,
Como um lenço bordado que me déste...

.....
.....
.....

Podésse ir eu, contigo, que m'encantas
Como um vinho, no pó da terra dura,
Dormir ambos na mesma sepultura,
Entre os braços das hervas e das plantas!

A UMA VOZ CELESTE

A A. C. DE CARVALHO

Na noite que passou
O Christo no Calvário,
Um rouxinol cantou
Sobre a Cruz, solitario.

Os trigueiros soldados,
E os lyrios de Salem
Perguntavam, pasmados,
— Que voz canta tão bem ?

Como sentindo os males
Das suas proprias penas,
Vergavam-se nos calix
Chorando as açuceuas.

Choravam os caminhos,
Os dados, os cilícios,
A grinalda d'espinhos,
E a esponja dos supplicios.

Choravam os sem luz,
E os rijos peitos bravos,
— Começavam na cruz
A vacillar os cravos.

Pelo tranquillo espaço
Paravam as estrellas,
E o vagaroso passo
As mudas sentinellas.

E os peitos deshumanos
Resentiam mudanças:
— Deixavam os Romanos
Escorregar as lanças.

Toda a noite pranteou
Assim lembrando o Ceu.
— Quando Jesus morreu,
Do lenho emfim voou.

Ora eu, mulher! que creio,
Que a Vida são das lousas,
Eu que nos astros creio,
E adoro a alma das Cousas!

Que sei que o que, hoje, existe
Foi nuvem, flôr, cypreste,
E escuto essa voz triste...
A tua voz celeste!

Eterno visionário,
E adorador do Sol...
Creio que, no Calvário,
— Cantaste, rouxinol!

Á POMBA QUE VOOU

Foste-te, ó luz das solidões amenas!
Ó grandes olhos tristes, ideaes,
Que éreis quaes astros nas mansões serenas...
Partiste, casta pomba d'alvas pennas,
Em procura dos lúcidos pombaes.

.....

Tu estás hoje entre as hervas e as poeiras,
Ou cheia de immortaes claridades.
Ó doce irmã das rôlas companheiras!..
Por ti vejo chorar as lorangeiras,
E de luto vestirem as saudades.

Ai! quantas vezes, n'este mar d'escólhos,
Contemplando este azul duro e sem fim...
E os pés ensanguentando nos abrólhos,
Eu, nas estrellas, creio vêr teus olhos,
Que estão chorando lagrimas por mim!

Teu corpo está, talvez, dilacerado,
Entre as plantas escuras e as raízes!..
E, ah! que vezes, talvez. n'um *ai* cortado,
Não me terá teu seio immaculado
Entre aservas bradado:— *Não me pizes!*

Por isso vou curvado para o chão
Com medo de pizar-vos, tranças bellas.
— E ai! quantos, como eu, também irão,
Correndo o mundo atraz d'uma illusão,
Ou soletrando as mysticas estrellas!..

.....

Foste-te, ó luz das solidões amenas!
Ó grandes olhos tristes, ideaes,
Que ereis quaes astros nas mansões serenas...
— Partiste, casta pomba d'alvas pennas,
Em procura dos lúcidos pombaes!..

TRISTISSIMA

N'um paiz longe, secreto,
Lendaria ilha afastada,
Jaz todo o dia sentada,
N'um throno de marmor' preto.

No sen palacio esculpido
Não entram constellações.
Os tectos dos seus salões
São todos d'ouro polido.

Nas largas escadarias,
Sobem vassallos ao cento.
De noite soluça o vento
N'aquellas tapeçarias,

E pelas largas janellas,
Fechadas, sempre corridas,
Ha flôres desconhecidas
Que não olham as estrellas.

Na dextra segura um calix;
— Calix da Dôr e da Mágoa! —
Onde está contida a agoa
E o sangue dos males.

Pelas florestas sósinhas,
Escuras, sem rouxinoes,
Erram, chorando os Heroes,
E as desgraças Rainhas.

Seguida, á noite, de servas,
Caminha, em cortejo mudo,
Rojando o negro velludo
De seu cabello nas hervas.

Sómente ao vê-a passar
Ficam as almas surpresas:
— Ha todo um mar de tristezas
No abysmo do seu olhar.

IDYLLIO TRISTE

A LÉON DE LA VEGA

Olha! sinto me exausto
Pomba da minha vida!..
Eu serei o teu Fausto,
Sê minha Margarida.

Deixa que o Alegre ria,
Alma que me estremeces!
Que ruja fóra a orgia
Os prantos, as *kermesses!*

Vamos a colher rosas,
Rôla dos meus carinhos!
Pelos brancos caminhos,
Nas noites luminosas.

Sob esta curva azul,
Amemos, bem amada!
Na torre levantada
Que gema o rei de Thule.

Que o mundo chore e gema
Em quanto o Tempo dura!
Da nossa noite escura
Façamos um poema!

Deixa na róca os linhos
Pomba dos meus amores!
E aos sabios e aos doutores,
Os livros e os cadinhos.

E aos tristes, aos ascétas
As grútas, os cilícios,
E a esponja dos supplicios
Aos labios dos poetas!

Nas noites estrelládas,
Amemos solitarios.
Deixemos as estradas
Que levam aos Calvários!

Olha! sinto-me exausto
Pomba da minha vida!
Eu serei o teu Fausto,
Sé minba Margarida.

A UM LYRIO

A. A.

Conta como é que existe
A tua vida á luz...
Lyrio mais casto e triste
Que os olhos de Jesus!

Quando nasceste, flôr?
Quem te arrancou do chão?
Gerou-te occulto amor
De morto coração?..

— Ó lyrio delicado!
— Ó lyrio branco e fino!
Talvez fosses creado
N'um seio femenino?..

Escuta, ó lyrio amado,
A flór confunde os sabios.
Talvez fôsses os lábios
D'aquella que hei amado!...

Talvez fosses seus dedos!
Seus olhos innocentes...
— Conta-me os mil segredos
Profundos das sementes.

O morto que se enterra
Leva as paixões secrétas?..
Dize, se, sob a terra,
Se amam as violetas!

Ouviste aves chorosas,
E o mar nos seus delirios?
— Quem é que pinta as rosas?
— Quem é que veste lyrios?

Já viste alguma estrella?
Viste uma lua nóva?
— Abriste n'uma cella?
— Floriste n'uma cova?

O que é que mais desejas
De tudo quanto existe!
— O amor? — O que é que invejas
Bom lyrio branco e triste?

O' vil sorte mesquinha!
E eterno desejar!
— Invejas a andorinha
Que vôa pelo ar?...

A UMA ANDORINHA

Nas brisas da tardinha
Para teu vôo um pouco.
Ouve um poeta, um louco,
— Escuta-me andorinha.

Um pouco deixa os ninhos.
Attende às vãs loucuras.
— Tambem, nas sepulturas,
Vôam os passarinhos !

Nem sempre o azul etherio,
Quaes fléxas vão cortando,
— Tambem riem, voando,
No chão do cemiterio.

Lávam os pés rosados,
Nas urnas funeraes.
— Tu, mesmo, nos telhados
Móras das cathedraes.

Não fujas d'um poeta,
Que ha nuvens mais sombrias!
— Tu já moráste uns dias
No nicho d'um propheta.

Por tanto, tu que adoras
A primavera e o Sul,
Dize-me, — no alto azul,
Quem fez sempre as Auroras?

Quem dá tintas vermelhas
Ao Sol poente, que arde?
— Quem cóze as nuvens velhas,
E acende o astro da tarde? . . .

Os campos dão renóvos
Tambem, n'outras espheras?
— Quem faz as primaveras?
— Quem faz os astros novos?

Quem faz a ave-flôr ?
Quem tinge o temporal ?
— Quem faz a pomba, côr
Do lyrio alvo do val ?

No sol ha violetas.
E rios, campos, vinhas ?
— Dize. se nos planetas
Tambem ha andorinhas ?

E tu que mais almejas ?
Tens sol, astros e ninhos,
Tens tudo o que desejas.
— Luz, grãos, pelos caminhos . . .

O triste ambicionar !
Ó santo e vão delirio !
— Eu sei, ó filha do Ar,
Invejas sêr o lyrio.

ENTRE OS ARVOREDOS

Calma silentia lunae.

VIRGILIO

Recordas-te d'essa noite, ó bella desgostosa,
Que nós andámos sós e tristes, divagando,
Entre as folhas e o vento, o vento leve e brando,
Aos lividos clarões da lua silenciosa?..

Calládos, e atravez da grande sombra escura
Dos cerrados pinhaes e 'augustos castanheiros,
Como as almas leaes e antigos companheiros,
Unidos a gemer a mesma desventura!

E eu sentia-te, ó grande e triste Ábandonada,
Em meu seio verter as tuas fundas mágoas,
Ao rythmo trivial e nitido das agoas,
E á alva e fina luz da hostia levantada.

E andámos a gemer a nossa dôr intensa,
E abrindo os corações, os languidos segredos,
Aos ais soltos no ar dos grandes arvoredos,
E ás vastas afflicções da natureza immensa.

Que dôr assim será? — Que dôr será egual
Áquella immensa dôr, ó pallida vencida,
N'aquella natureza immensa e condóida,
E áquella branca luz, mais fria que um punhal!..

.....

Ah! nunca mais virá, — ó branca desgostosa —
Aquella vez que nós andámos divagando,
Entre as folhas e o vento, o vento leve e brando,
Aos lívidos clarões da lua silenciosa!..

CONFISSÃO A UMA VIOLETA

Eu confesso me a ti, — doce flôr delicada —
Recalhida, modesta, e sol da singeleza,
Das vezes que atravez da verde natureza
Fiz soar com orgulho a bulha do meu nada !

Em vez de amar a vida humilde, chã, callada,
Do sabio estoico e são, exemplo d'inteireza,
Quantas vezes cuspi no Justo e na Belleza
E cri-me o Fogo e a Lúz da geração creada !

Orgulho ! orgulho vão ! Vaidade e mais vaidade !
Como disse o rei sabio e justo á claridade
Dos astros da Judea, e ao gyro dos planetas . . .

Feliz de quem, como eu, ri das Academias,
E estuda as novas leis e as grandes Theorias,
Nas folhas fementis e meigas das violetas.

A SUA CAMARA ⁽¹⁾

No ar calado e bom da camara fechada,
Como um ninho d'amor casto e silencioso,
Um grande cravo branco érgue o caule cheiroso,
N'uma jarra de jaspe antiga e cinzelada.

Vôam aromas bons no ar tranquillo e molle.
Algumas flores vão morrer nas jarras finas.
— Elle sereno vê, nas rendas das cortinas,
Silencioso, morrer, na sua gloria do Sol.

Todas morrem ao pé. Só elle altivo é bello,
No seu vaso de jaspe, entre as demais existe,
— Como um rei infeliz n'um ultimo castello,
Com seu ar virginal e com seu modo triste.

(1) Esta poesia ja foi publicada sob um pseudonymo.

Cheio de vida, ainda, idyllico, ideal,
Talvez lamente o amor, na sua jarra d'agua.
— Misteriosa flor — que caprichosa mágoa
O virá a pender na haste virginal ?

Talvez lamente o Sol — a luz vermelha viva.
O sol que vae morrer — o bello agonisante.
Talvez que chore a lua — a lua pensativa,
Que lhe venha lavar a alvura soluçante.

Quem foi a branca mão — olympica, divina,—
A mão macia, ideal — traidora — que o colheu,
Que o foi roubar á terra, um dia, e que o prendeu
Na fria solidão d'aquella jarra fina?

E foi roubar ao amor, aos cantos, ás folhagens,
A' bondade da luz e ás noutes meigas bellas,
Exilado do sol e orphão das paisagens,
O cravo virginal — víúvo das estrellas ?

Misteriosa flor a sua estranha mágoa
A ninguem o dirá seu calix pensativo,
E a morrer, morrerá, calado, firme, altivo,
E nobre como um rei, na sua jarra d'agua.

.....
.....

Lá fóra morre o sol, como um desgosto humano.
Võam aromas bons, no ar quente e calado.
Vae-se esvaindo a luz... e triste e socegado,
Vê-se nm jasmim morrer em cima d'um piano.

Nas parêdes estão, nas preciosas telas,
Pintados menestreis, pastoras, e guitarras.
Debrúçam-se os jasmins, nas grades das janellas.
E os lyrios, como uns *ais*, morrem nas finas jarras.

Tudo agonisa ao pé. n'aquella solidão,
— Solidão de mulher distincta e perfumada,
Cuja pelle é talvez mais fina que a pomada,
E as farinhas d'Italia e as sedas do Indostão.

.....
.....

Tudo agonisa ao pé.— Só elle altivo e bello,
No seu vaso de jaspe entre as demais existe,
Como um rei infeliz, n'um ultimo castello,
Com um ar virginal e com um modo triste.

E no entanto, talvez a *mystica* amorosa,
A *noiva*, a dona d'elle, occulta uma outra mágoa,
No morto coração, mais morto que uma rosa,
E do que elle amanhã, na sua jarra d'agua!..

ROSA MYSTICA

Hour of love
BYRON. *Parisina*.

Do pôr do Sol áquella luz sagrada,
Eu perdia-me... ô hora dôce e breve!..
Meu peito junto ao seu collo de neve,
— N'uma contemplação vaga e elevada

Nossas almas s'erguíam, como déve
Erguer-se uma alma á Luz afortunada.
Do mar se ouvia a grande voz chorada.
— Palpitavam as pombas no ar leve.

Eu então perguntei-lhe, baixo e brando:
Em que mundos de luz é que caminhas?
Que torre está tua alma architectando?..

— Ella travando as suas mãos das minhas,
Me disse, ingênua, então: — Estou scismando
No que dirão, no ar, as andorinhas.